

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA – FACOMB

RHADÁ COSTA FERREIRA

**REVISTA CERRADO SUSTENTÁVEL**  
A APLICAÇÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL NA PRESERVAÇÃO DO  
CERRADO

Goiânia,  
2010

RHADÁ COSTA FERREIRA

**REVISTA CERRADO SUSTENTÁVEL**  
A APLICAÇÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL NA PRESERVAÇÃO DO  
CERRADO

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

**Área de Orientação:** Jornalismo Ambiental, Jornalismo de Revista e Editoração.

**Orientadora:** Prof. Msc.Lisbeth Oliveira

Goiânia,

2010

RHADÁ COSTA FERREIRA

**REVISTA CERRADO SUSTENTÁVEL**  
A APLICAÇÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL NA PRESERVAÇÃO DO  
CERRADO

Projeto Experimental apresentado à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, aprovado em \_\_\_de \_\_\_de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profª. Msc. Lisbeth Oliveira – UFG

Orientadora

---

Prof. Msc. Sálvio Juliano Peixoto

Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia – UFG

Ao meu noivo, Maurílio Teixeira, pelo companheirismo, incentivo, apoio e compreensão, sem os quais esta realização tão importante na jornada da minha vida não seria possível. Obrigada pelo carinho, pelos sábios conselhos e ajuda, e por fazer parte da minha vida de forma tão especial.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Lisbeth Oliveira, pelo carinho e pelas valiosas lições não só sobre o Meio Ambiente, mas também como sobre a vida.

À minha família que contribuiu com seu apoio durante toda a minha jornada educacional e esteve presente de forma decisiva na conclusão deste trabalho.

A todos os entrevistados e colaboradores pela atenção, disponibilidade e abertura ao participarem do projeto da revista Cerrado Sustentável.

## RESUMO

Um campeão de superlativos. O Cerrado tem uma biodiversidade importante e riquíssima: é a maior do planeta no que diz respeito a gêneros e conta com a presença de diversos ecossistemas. Apresenta a segunda maior formação vegetal brasileira – mesmo com o desmatamento acirrado e constante que chega a ser duas vezes maior do que o desmatamento da Amazônia. Sua área original estendia-se por cerca de 2 milhões de km<sup>2</sup>, hoje reduzidos em cerca de 40% a 50%, com área de proteção de 4% restringidos a reservas e parques. Único, poderoso e guardião de inúmeras espécies da fauna e da flora e culturas tradicionais, o Cerrado é ainda misterioso. Em vista deste cenário, o momento é de traçar metas, refletir e planejar o manejo do que restou do Bioma.

Com este objetivo, a revista *Cerrado Sustentável* explora, por meio do Jornalismo Ambiental e da abordagem sistêmica, os múltiplos aspectos que compõem o Bioma e os desdobramentos científicos, econômicos, culturais e sócio-ambientais, decorrentes do processo de ocupação da região. O intuito é criar uma plataforma de conhecimentos acerca do Cerrado e apontar caminhos para conciliar o desenvolvimento e a preservação ambiental como uma ferramenta para a conservação e valorização do mesmo.

**Palavras-chave:** Jornalismo Ambiental, Revista, Editoração, Teoria Sistêmica, Cerrado

**LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – Custo Básico de Produção da Revista Cerrado Sustentável.....	41
TABELA 2 – Tabela de Preços para veiculação.....	52

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADAO-GO – Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Orgânica

AEM – Avaliação Ecológica do Milênio

AMMA – Agência Municipal do Meio Ambiente

CDS - Centro de Desenvolvimento Sustentável

ECO 92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

FAAC – Faculdade de Artes e Comunicação

ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza

MMA - Ministério do Meio Ambiente

ONU - Organização das Nações Unidas

UNB – Universidade Federal de Brasília

UNISANTA - Universidade Santa Cecília

USP – Universidade de São Paulo

SEMARH – Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado de Goiás



## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. NASCE UMA IDÉIA: O PROJETO DE PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
2.1 O projeto.....	12
2.2. Tema e Delimitação do Tema.....	13
2.3. Questão Problema.....	13
2.4. Hipótese.....	13
2.5. Objetivos.....	14
2.5.1. Objetivos Gerais.....	14
2.5.2. Objetivos específicos.....	14
2.6. Justificativa .....	14
2.7. Metodologia.....	17
<b>3. OS CAMINHOS DA TEORIA .....</b>	<b>18</b>
3.1. Por um pensamento holístico .....	18
3.2. Jornalismo Ambiental em um mundo em transformação.....	24
3.3. Jornalismo em revista: características essenciais.....	28
<b>4. A REVISTA CERRADO SUTENTÁL.....</b>	<b>34</b>
4.1. Descrição do Produto.....	34
4.2. O processo de criação: linha editorial, pautas e edição.....	35
4.3. A distribuição das matérias.....	37
4.4. Projeto Gráfico.....	39
4.5. Custos de Produção .....	42
4.6. Estratégias de Comercialização.....	43
4.7. Análise da Concorrência.....	45
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>

<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>48</b>
<b>7. APÊNDICE I.....</b>	<b>52</b>
<b>8. ANEXO I.....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A preservação e conservação do meio ambiente, da biodiversidade brasileira e a promoção do desenvolvimento sustentável<sup>1</sup>; por meio da educação, pesquisa, informação, participação, divulgação e iniciativas públicas e privadas se mostram emergenciais e em voga. As discussões sobre esta temática são urgentes e pertinentes.

Em sintonia com este contexto de apreensão mundial com o meio ambiente e com a preocupação na conservação do Cerrado (um dos biomas mais importantes para a biodiversidade no Brasil e no mundo), surge a demanda da criação de veículos de comunicação que explorem a fundo e de forma crítica essa temática. Nesse cenário, nasce a revista *Cerrado Sustentável* que se destina a pesquisar os fatores históricos e sócio-ambientais que agem sobre este Bioma, e as relações econômicas, culturais e científicas que perpassam sua ocupação. Pretende ainda mostrar possíveis caminhos para conciliar o desenvolvimento com sua preservação.

O processo jornalístico que envolve a criação e desenvolvimento da revista está definido entre três níveis: promover a reflexão e o debate sobre a preservação do Bioma Cerrado; servir de palco para divulgação de projetos e pesquisas científicas, ao mesmo tempo em que promove a valorização da sua biodiversidade; e traçar sistemicamente as possíveis soluções para reverter o processo de degradação.

A *Cerrado Sustentável* trabalha a afirmação de que o jornalismo pode atuar conjuntamente com a responsabilidade social e ambiental. Mais ainda, ocupa-se em explorar esse assunto sob uma nova perspectiva, que extrapole o tratamento destinado ao meio ambiente e não apenas se restrinja à análise superficial de sua fauna e flora.

---

<sup>1</sup> Aqui, torna-se importante contextualizar o que é a revista aborda como desenvolvimento sustentável. A *Cerrado Sustentável* não segue o que o jornalista Wilson Bueno chama de “conceito cosmético” de sustentabilidade, segundo o qual o desenvolvimento sustentável está contaminado, por tanto, com a perspectiva econômico-financeira e é visto especialmente como um problema apenas de gestão empresarial. Visão que reduz o meio ambiente e sua preservação a uma instância meramente econômica, desconectada de valores e princípios sócio-culturais e políticos. Em contrapartida, a visão adotada neste trabalho de desenvolvimento sustentável é esta traçada pelo próprio Wilson Bueno (2007, p. 21). Segundo ele, o desenvolvimento sustentável que deve ser objeto de preocupação para o Jornalismo Ambiental é aquele que reduz as desigualdades, que denuncia, tem a ver com a qualidade de vida dos cidadãos e extrapola a versão meramente econômica. Tem a ver, inclusive, com o monopólio de meios de comunicação, que impede o livre debate de idéias e se sustenta pelo incentivo ao consumo exacerbado, quase sempre danoso ao meio ambiente.

## **2. NASCE UMA IDÉIA: O PROJETO DE PESQUISA**

### **2.1. O projeto**

Basta um passeio de carro e é possível vê-lo pela janela, com sua beleza exótica e imponente. Mais do que uma paisagem, o Cerrado é berço de uma megabiodiversidade complexa e palco de múltiplos conflitos sociais, econômicos, políticos e ambientais; de diferentes relações sociais e modos de vida. Há pelo menos 11 mil anos, os primeiros povos já habitavam a região central do Brasil. Hoje, esta vida tradicional luta para resistir em meio aos complexos aspectos de um mundo globalizado. Originalmente com uma extensão de cerca de 2 milhões de km<sup>2</sup>, o Bioma encontra-se em um grave quadro de degradação ambiental.

Este projeto acredita que os números da devastação decorrentes da exploração predatória do Cerrado tornam-se ainda mais intensos pelo desconhecimento da população sobre a ocupação do bioma. Essa desinformação contribui diretamente para que esses números continuem a aumentar de forma progressiva, sob o olhar displicente da sociedade e da grande mídia. Assim, nasce a idéia de criar um veículo de comunicação, neste caso uma revista, que traz à tona estas questões. Mais ainda, que elas sejam analisadas em seus vários aspectos de forma sistêmica.

Os estudos, pesquisas, informações e assuntos envolvendo o Cerrado existem e são tão abundantes quanto à biodiversidade do Bioma. Porém, não são democratizados em larga escala à população. Já quando o Cerrado é tratado pela grande mídia é sempre do ponto de vista exclusivo e didático da fauna e flora, ou então em tom alarmista e dramático das catástrofes ambientais. Esta última, uma abordagem que se perde ao recorrer ao sensacionalismo e se mostra inexpressiva ao não configurar uma discussão ambiental crítica e profunda; já que neste tipo de pauta, os grandes veículos noticiam apenas uma parte da tragédia, sem levar em conta que uma catástrofe tem relação de causa e efeito e que está inserida em um todo de relações complexas e interligadas.

Observando estes aspectos da mídia, a idéia de falar do Cerrado acabou por encontrar o desejo de analisar como o Jornalismo Ambiental poderia encontrar caminhos e abordagens que superassem esta visão reducionista e superficial presente muitas vezes na mídia. Assim, disciplinas ofertadas pelo curso de jornalismo – como o Jornalismo Ambiental e Planejamento Gráfico e Editorial – se uniram no projeto de criação de uma revista voltada exclusivamente para os temas do Cerrado.

O projeto da revista *Cerrado Sustentável* propõem a criação de um veículo que trate de forma sistêmica o Cerrado, sob o viés de sua ocupação territorial, reunindo conhecimentos sobre o Bioma e mostrando alguns caminhos que estão sendo trilhados na tentativa de transformar em realidade o binômio “desenvolvimento” e “preservação ambiental”. Por meio do Projeto Experimental para a conclusão do curso, pretendo chamar atenção para a crítica situação do Cerrado, buscando no Jornalismo Ambiental e na teoria sistêmica, as inspirações necessárias para a realização deste projeto.

## **2.2.. Tema e delimitação do Tema**

O tema deste projeto propõe a criação de um projeto gráfico e editorial de uma revista destinada à cobertura dos assuntos relacionados ao bioma Cerrado, sua ocupação e os caminhos possíveis para a conciliação do desenvolvimento e preservação ambiental.

## **2.3. Questão problema**

É possível por meio do Jornalismo Ambiental dar visibilidade a questão do Cerrado, promovendo reflexões sobre sua atual situação, seu processo de ocupação e seu estado ambiental, além de perspectivas futuras para seu uso sustentável e sua valorização como patrimônio cultural e natural ?

## **2.4. Hipótese**

O Bioma Cerrado é responsável por 5% da biodiversidade de todo planeta, ocupa mais de 24% de todo o território nacional. Além disso, o Cerrado é fundamental para o equilíbrio hidrológico, captando águas pluviais que abastecem nascentes que formam os rios das bacias do Amazonas, Tocantins, Parnaíba, Paraná e Paraguai. Entretanto, ainda permanece desconhecido pela mídia e pela sociedade e sua degradação avança silenciosamente em ritmo progressivo. A criação de uma revista destinada a abordar os múltiplos aspectos deste bioma poderia ajudar na sua preservação, aprofundamento e oferecer subsídios para discussões e ações desenvolvidas em prol do Cerrado.

## **2.5.. Objetivos**

### **2.5.1. Objetivos gerais**

Criar a revista *Cerrado Sustentável*, que nasce com o intuito de ser plataforma de divulgação dos temas sobre o Cerrado, com foco nos assuntos relativos a ocupação territorial e econômica e nas propostas de ações para aliar desenvolvimento e preservação.

### **2.5.2. Objetivos específicos**

- Divulgar informações e projetos que de alguma forma contribuam para o desenvolvimento sustentável do bioma;
- Ajudar a fomentar a discussão ambiental sobre o Cerrado, sua conservação e o uso dos seus recursos; valorizando sua importância social, ambiental e econômica;
- Auxiliar no processo de valorização do Cerrado como patrimônio ambiental e cultural;
- Servir como incentivo e plataforma de divulgação dos pesquisadores e professores da Universidade Federal de Goiás que tenham o Cerrado como objeto de estudo;
- Contribuir para fortalecer a participação da sociedade na gestão ambiental do Bioma ao mostrar a necessidade de criação de políticas públicas relativas ao uso dos recursos naturais do Cerrado;
- Buscar novos caminhos em Jornalismo Ambiental e comunicação e não apenas a reprodução de mais uma publicação no mercado;

## **2.6. Justificativa**

A comunicação é um instrumento de formação de opinião, impulsiona movimentos sociais, molda valores e dita padrões. São vários os estudos e pesquisas sobre a atuação da mídia neste sentido e alguns a consideram o quarto poder:

Não é possível opinar, discernir, decidir, influir; não é possível exercer plenamente nenhum direito se dele não se tem conhecimento. A ausência da educação, do conhecimento, da informação, é a maior causa do medo e da insegurança em todos os aspectos da vida social humana. (DENCKER & KUNSCH, 1996).

No aspecto ambiental, o domínio da informação está ligado ao poder de interferir e orientar as relações humanas com a natureza. Para uma corrente de jornalistas ambientais, a imprensa pode pautar as discussões e promover o contato da população com os problemas ambientais, de modo que a sociedade procure rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e volte sua atenção ao meio ambiente. Para o jornalista Efraim Neto (2008) isto é possível, a partir do momento em que compreendemos o meio ambiente como “o lugar determinado ou percebido”, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas de interação:

Essas relações implicam em processos de criação cultural e tecnológica e em processos históricos e sociais de transformação do meio ambiente natural e construído; perceberemos que a comunicação, em suas diferentes linguagens e suportes, poderá potencialmente auxiliar no processo de orientação de conduta, tomada de decisão, desenho de estratégias e ações em benefício de uma melhor compreensão do campo científico e ambiental; conseqüentemente, da nossa sociedade.

A comunicação, por meio do Jornalismo Ambiental, pode ser utilizada para atuar na valorização do Cerrado, através da discussão ambiental, promovendo o fortalecimento de uma cultura regional voltada para a conservação de suas riquezas ambientais e sociais e para a manutenção e a melhoria dos serviços ambientais disponíveis no Bioma. Como afirma Dal Marcondes (2010), diretor da Agência Envolverde, em entrevista concedida ao Observatório da Imprensa:

Informação é o fator-chave para a estruturação de uma plataforma de conhecimento capaz de influir sobre decisões estratégicas, seja de empresas, governos ou sociedade. Não é possível fazer a transição para um modelo de desenvolvimento limpo, baseado em novas tecnologias e em uma ciência integrada, sem uma base de informação e conhecimento social, científico e econômico capaz de mostrar caminhos diferentes e consistentes com as necessidades do futuro, e não com os pressupostos e preconceitos do passado”.

Portanto, o desenvolvimento e a preservação do Bioma Cerrado dependem urgentemente do desenvolvimento de uma prática de jornalismo ambiental que o tenha como temática central, sob a percepção sistêmica. Ainda segundo o jornalista Efraim Neto (2008), mesmo sendo o único dos biomas brasileiros que faz limite com todos os outros e, por isso, mantém o que os pesquisadores chamam, de “áreas de tensão ecológica”, possuindo uma elevada complexidade devido a sua megabiodiversidade e sendo a segunda maior formação vegetal do Brasil é um dos ecossistemas mais esquecidos pelo poder público e, também, por parte da população brasileira.

Para o professor do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB) e Assessor do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), Donald Sawyer (2008, p. 1.168), em análise feita no livro *O Papel da Sociedade no Estabelecimento de Políticas Públicas para as Savanas*, cita como passo crucial para a preservação o conhecimento e a divulgação. Para ele, o primeiro passo essencial nesta direção é a superação do desconhecimento do Cerrado no Brasil e no exterior, quebrando a inércia e influenciando na grande mídia nacional e internacional:

É mais difícil salvar algo cuja existência e importância são desconhecidas entre tomadores de decisão [...]. Superar o desconhecimento é relativamente fácil, uma vez que, quando se explica a importância do Cerrado, as pessoas entendem sem maiores dificuldades - observações minhas. O que falta é quem explique.

Porém, a ocupação territorial e econômica deste bioma nas últimas décadas, focada, sobretudo num modelo predatório de agronegócio e na expansão desenfreada da industrialização e da infra-estrutura que esta exige (rodovias, barragens, hidroelétricas, hidrovias, ferrovias, etc.) causaram a degradação ambiental deste bioma.

Assim, o Cerrado encontra-se em um estado alarmante de degradação ambiental - cerca de 50% da área do Domínio do Cerrado já foram convertidos em pastagens cultivadas e lavouras diversas. Muitas são as discussões e projeção nacional e internacional na mídia que a preservação da Amazônia e da Mata Atlântica encontram, ao passo que o bioma Cerrado não encontra a mesma repercussão.

Os números da devastação, a urgente necessidade de preservação e conservação da biodiversidade do Cerrado e descobertas de seu uso sustentável, o fazem tão importante quanto para merecer o mesmo destaque e espaço na mídia.

São inúmeras as populações humanas que dele sobrevivem e conhecem parte da superlativa variedade do Cerrado. Apesar de algumas populações estarem oficialmente reconhecidas, como os quilombolas, ainda estão ameaçadas ora pela expropriação de seus territórios ora pela degradação ambiental, dificultando a sua reprodução física e social baseada no uso dos recursos naturais.

Por outro lado, a partir da década de 1990, governos e diversos setores organizados da sociedade debatem como conservar o que restou do Cerrado, com a finalidade de buscar tecnologias embasadas no uso adequado dos recursos hídricos, na extração de produtos vegetais nativos, na agroecologia, no manejo tradicional, no ecoturismo e outras iniciativas que possibilitem um modelo de desenvolvimento justo.



Além disto, conceitos como gestão ambiental, sustentabilidade e responsabilidade ambiental na última década, passaram a nortear quase que obrigatoriamente as ações das instituições públicas, privadas e não governamentais. Fator que lançou nova luz sobre as discussões de preservação e uso ecologicamente correto do Cerrado.

Porém, é preocupante observar que estes múltiplos aspectos do Cerrado ainda são desconhecidos por grande parte da população e ignorados pela mídia nacional. Por sua emergência não só ambiental, como social, econômica e cultural, é imperioso que este assunto pautasse diariamente a sociedade e a mídia, tanto em nível local como nacional -- não apenas nas épocas em que os focos de incêndio castigam o Cerrado.

## **2.7.. Metodologia**

A metodologia debruça-se nas técnicas do planejamento gráfico e editorial para a construção do formato e apresentação da revista *Cerrado Sustentável*, observando as especificidades e características próprias do Jornalismo em Revista. O conteúdo, pautas e estilo nascem no esteio da teoria sistêmica defendida por autores como Fritjof Capra e Edgar Morin e nos princípios do Jornalismo Ambiental. As etapas de criação da revista *Cerrado Sustentável* envolveram: definição da linha editorial; seleção e apuração das pautas; confecção dos textos; edição (disposição dos textos, revisão, seleção, confecção de editorial, expediente, índice, chamadas de capa, definição da matéria de capa); definição do formato e público alvo; número de páginas; editorias específicas; tiragem; criação do projeto gráfico, diagramação e impressão; desenvolvimento de estratégias e comercialização; definição de custos básicos; e análise da concorrência.

### 3. NOS CAMINHOS DA TEORIA

#### 3.1. Por um pensamento holístico

A ciência do século passado adotava a mecânica clássica como modelo do pensamento científico, percebia o mundo e seus fenômenos como mecanismos e sistemas fechados. Porém, nos séculos XX e XXI, o modelo de pensamento utilizado para observar, estudar e compreender as relações vitais entre os seres vivos e o mundo em que estão inseridos sofreu intensas transformações, saltando de uma concepção de bases cartesianas, positivistas e reducionistas para um paradigma sistêmico, holístico e complexo.

Em contraposição ao pensamento "reducionista-mecanicista" herdado dos filósofos da Revolução Científica do século XVII, como Descartes, Bacon e Newton, a Teoria de Sistemas foi proposta em meados de 1920 pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy. A Teoria de Sistemas estuda a organização abstrata de fenômenos, independente de sua formação e configuração presente. Investiga todos os princípios comuns a todas as entidades complexas, e modelos que podem ser utilizados para a sua descrição.

Bertalanffy criticou a visão de que o mundo é dividido em diferentes áreas, como física, química, biologia, psicologia, etc. Ao contrário, sugeria que se deve estudar sistemas globalmente, de forma a envolver todas as suas interdependências, pois cada um dos elementos, ao serem reunidos para constituir uma unidade funcional maior, desenvolvem qualidades que não se encontram em seus componentes isolados. Para ele, o estudo separado de cada parte do sistema não levaria a compreensão do todo. Assim, a Teoria dos Sistemas valeu-se de uma proposta de complexidade, para trazer uma abordagem transdisciplinar<sup>1</sup> dos fenômenos que cercam a humanidade. Sendo contra o pensamento fragmentário e mecanicista em favor de um pensamento complexo, interligado e orgânico.

Segundo a *Carta da Transdisciplinaridade* (adotada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, realizada em Portugal em novembro de 1994 e redigida por Edgar Morin e Basarab Nicolescu), “somente uma inteligência que se dá conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer frente à complexidade de nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual de nossa espécie”.

---

<sup>1</sup> Transdisciplinar se difere de interdisciplinar como define a *Carta da Transdisciplinaridade*: “com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multidimensional. Levando em conta as concepções do tempo e da história, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte trans-histórico”. (MORIN & NICOLESCU, 1994).

Para os autores, a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas conseqüências sobre o plano individual e social são incalculáveis. Nos vários artigos da carta são destacados pontos como:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. [...] O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade. (MORIN & NICOLESCU, 1994, p. 12).

Esta ciência emergente e sua nova abordagem foi aplicada à diversas áreas do conhecimento como a matemática, física, biologia molecular, psicologia, agricultura, genoma humano, meio ambiente, ecologia e, também, na comunicação, justamente por este caráter holístico.

O pensamento sistêmico parte do princípio que o todo é muito mais que a soma das partes e que as partes são redes de relações embutidas em relações maiores; concebe o mundo como um todo integrado e não como uma sobreposição de partes isoladas. O principal expoente deste pensamento na atualidade é o físico Fritjof Capra (1996, p. 23), que define em seu livro “A Teia da Vida” a emergência desta mudança também na percepção da discussão ambiental. Segundo ele, quanto mais percebemos os problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes:

Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. A extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva continuará enquanto o Hemisfério Meridional estiver sob o fardo de enormes dívidas. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica e tribal, que se tornou a característica mais importante da era pós-guerra fria. Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção.

A revista *Cerrado Sustentável* nasce no esteio desta nova perspectiva, buscando trabalhar seus conteúdos de forma clara, objetiva, e com o desafio de evitar ao máximo a superficialidade de pautas fragmentadas. Sobretudo, explorando as várias perspectivas que

norteiam o tema Cerrado de forma sistêmica: o âmbito sócio-ambiental, econômico, cultural, político e científico.

E, como todos os aspectos agem sob um mesmo fato de forma simultânea e interdependente, é preciso analisar a pauta ambiental de forma multidisciplinar e transdisciplinar. Pedro Celso Campos (2006, p. 23), em *Uma Abordagem sistêmica para as Teorias do Jornalismo*, analisa como esta percepção se insere nos Meios de Comunicação e ultrapassa a mera emissão/recepção, citando também a Teoria da Ação Política descrita pelo professor Nelson Traquina, que prosperou nas décadas de 60 e 70:

[...] A Teoria Geral dos Sistemas, confirmando de certa forma, a Teoria da Ação Política, está a nos mostrar que o bom êxito da comunicação não se encontra, separadamente, na emissão ou na recepção, mas na contextualização do processo. Sendo assim, se considerarmos que o sistema do receptor está interconectado com o sistema social de recepção, teremos que as notícias devem ser como a sociedade quer e não como os jornalistas ou as organizações querem. Essa idéia de circularidade da informação está presente já na formulação de Lazarsfeld sobre a importância dos formadores de opinião. Para ele a comunicação não é um processo meramente vertical ou linear. Ela comporta uma horizontalidade (sistêmica) segundo a qual os formadores de opinião são o primeiro degrau na instância de recepção da mensagem.

Na mesma direção de Campos, o estudo sobre informação e Jornalismo Ambiental, intitulado *Informação Ambiental – Uma prioridade Nacional?*, da jornalista Maria das Graças Targino (1994, p. 9) também defende que a marca principal da informação ambiental é justamente esta inter e multidisciplinaridade. Segundo a autora, trata-se de uma área ligada a campos científicos distintos - Medicina, Engenharia, Geologia, Química, Física, Biologia, Geografia, Hidrologia, Sanitarismo e Ciências Sociais -, visto que incorpora aspectos econômicos, políticos, administrativos, e as implicações sociais advindas destas relações:

Vê-se que a fome e a miséria são dimensões conceituais de termos como poluição e modernidade, na visão de homens públicos brasileiros, como Aloízio Mercadante, Edmar Bacha, Celso Lafer, Frei Betto, para quem modernidade é assegurar a cada brasileiro o pão de cada dia, a cada criança, a escola, a cada paciente, um tratamento digno. O que nos conduz à percepção de que a informação ambiental é afetada por mudanças sociais, políticas, tecnológicas e científicas, ocasionadas, em especial, pelas transformações da esfera econômica..

Para validar seus estudos, à época Targino (p.20) fez uma pesquisa avaliando como a informação ambiental era tratada pelas revistas informativas nacionais como a *Veja*, a *Isto é* e *Época*. Ela constatou que a informação ambiental veiculada pelas revistas analisadas, em sua quase totalidade:

Omitiam o processo de deterioração ecológica e a ineficiência na gestão dos recursos naturais, mesmo com a responsabilidade da mídia, que figura como a primeira instância na produção de discursos e saberes da sociedade hodierna, superando, às vezes, a educação formal.

Assim, o Jornalismo Ambiental é hoje uma das vertentes que emergem do paradigma sistêmico e holístico, no qual o todo é maior que as partes. Como enaltece um dos expoentes do jornalismo ambiental brasileiro, André Trigueiro (2005, p. 286): “não é mais possível explicar o mundo em que vivemos sem considerar os impactos crescentes de uma mídia cada vez mais onipresente, sofisticada e instantânea”. Para ele, é preciso superar a visão do Meio Ambiente apenas do ponto de vista da fauna e a flora, o que se configura em um erro de grandes proporções:

E este é um ponto fundamental na área da comunicação, por que obriga os profissionais da mídia, a perceberem a realidade de uma forma extremamente nova e, sob alguns aspectos, revolucionários: no mundo moderno, onde o conhecimento encontra-se fragmentado, compartimentado em áreas que muitas vezes não se comunicam, a discussão ambiental resgata o sentido histórico, o caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento, e nos induz a uma leitura da realidade em que tudo que está conectado, interligado, relacionado. (TRIGUEIRO, 2005, p. 77).

Afinal, ainda segundo Trigueiro (2005, p. 81): “uma das premissas do Jornalismo Ambiental é perceber a realidade que nos cerca de um ângulo muito mais abrangente, privilegiando a qualidade de vida no planeta e do planeta”.

Percepção que para Efraim Neto e muitos outros Jornalistas Ambientais é possível a partir de uma visão que considere a ciência e o meio ambiente como um todo social interligado e sistêmico, como completa:

E, admitindo a perspectiva de que a ciência abriga diversas dimensões da sociabilidade, estando intimamente ligada, em seu sentido mais amplo, a própria noção de qualidade de vida - do bem comum e do direito social -, não poderemos abdicar do poder desta ferramenta na edificação de um efeito social que nos leve a justiça e igualdade. (NETO, 2008).

O mesmo ocorre com o Bioma Cerrado. Afinal, sua ocupação econômica e territorial é resultado de uma organização funcional de várias relações que estão intimamente interligadas e atuam simultaneamente no desenvolvimento do Bioma.

A ocupação do Cerrado está diretamente ligada ao regime de colonização vivenciada pelo Brasil, que por sua vez sempre ocupou o papel de País em desenvolvimento frente a outros Países do mundo; o que leva uma expansão das fronteiras agrícolas intimamente

relacionada ao modelo capitalista de exploração e exportação; a biodiversidade é ameaçada não só pelo modelo local, como pelo modelo ocidental de exploração agrícola, que é um problema ambiental de escala global; o Cerrado também é ponto determinante para as mudanças climáticas globais, o seqüestro de CO<sup>2</sup>, assim como as mudanças climáticas afetam diretamente a vida no Bioma; problemas que por sua vez, levam a busca de soluções; à pesquisas e a tentativas de reverter este quadro e o preservar.

Dentro de uma projeção global, o Cerrado também sofre as mesmas interferências e problemas da crise ambiental mundial. Pode, por exemplo, ser inserido nas perspectivas de estudo como a Avaliação Ecosistêmica do Milênio, solicitada pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, em 2000, em seu relatório à Assembléia Geral das Nações Unidas, intitulado *Nós, os Povos: O Papel das Nações Unidas no Século XXI*:

Nos últimos 50 anos, o homem modificou os ecossistemas mais rápida e extensivamente que em qualquer intervalo de tempo equivalente na história da humanidade, na maioria das vezes para suprir rapidamente a crescente demanda por alimentos, água potável, madeira, fibras e combustível. Isso acarretou uma perda substancial e, em grande medida, irreversível, para a diversidade da vida no planeta (ONU, 2000).

Percebemos assim que o tratamento destinado ao Meio Ambiente, neste caso como recorte no Bioma Cerrado, exige da mídia esta nova visão de mundo que propõe superar a crise epistemológica e psicológica que se abate ao tratamento destinado a crise ambiental, a ciência, tecnologia, educação, cultura, e a sociedade; pautado pela extrema fragmentação do conhecimento.

Entretanto, esta percepção sistêmica, ainda não se disseminou por completo entre os jornalistas na elaboração da pauta ambiental. Para Trigueiro (2005, p. 279), isto é um problema que perpassa a própria formação e estrutura acadêmicas:

[...] as universidades se assemelham, às vezes, a fábricas de tijolos quando se preocupam em formar alunos sob medida, por meio de cursos estritamente comprometidos em suprir as demandas do mercado. Relega-se, nestes casos, o curso superior a um papel medíocre, nivelador, sem a perspectiva de discutir a fundo o papel do jornalista num mundo em transformação e com novas demandas na área da informação.

E o Cerrado carece desta nova proposta de abordagem midiática. É impossível dissociar a crise ambiental pela qual passa o Cerrado da crise ambiental de escala mundial, as características locais são intrínsecas ao Bioma, mas muitos fatores são globais. Fatores estes que são permeados pela cultura, pelo modelo de desenvolvimento social, econômico e

político. Estas análises citadas acima sobre o Cerrado são apenas breves exemplos de que abordagem ambiental deve ser sistêmica e permite inesgotáveis discussões, contextualizações e pautas jornalísticas. Afinal, sua ocupação econômica e territorial é resultado de uma organização funcional de várias relações que estão intimamente interligadas e atuam simultaneamente no desenvolvimento do Bioma.

Para Fritjof Capra (1996, p. 34), em seu livro “A Teia da Vida”, esta nova percepção assegura não só uma mudança de paradigma, como uma mudança de valores:

O que isto implica é o fato de que o vínculo entre uma percepção ecológica do mundo e o comportamento correspondente não é uma conexão lógica, mas psicológica. A lógica não nos persuade de que deveríamos viver respeitando certas normas, uma vez que somos parte integral da teia da vida. No entanto, se temos a percepção, ou a experiência, ecológica profunda de sermos parte da teia da vida, então estaremos (em oposição ao que deveríamos estar) inclinados a cuidar de toda a natureza viva.

Na Conferência *Formando Jornalistas para um Mundo Sustentável*, apresentada no I Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental realizado em Santos (SP) em 2005, André Trigueiro (2005, p. 89) também defende este norte sistêmico para a prática do Jornalismo Ambiental. Segundo ele, esse discurso é compatível com o *lead* jornalístico e está em ascensão:

Um dos grandes desafios [...] seria, ao meu ver, compatibilizar o exercício da visão sistêmica (ampla, integradora, que enxerga o universo como um conjunto de fenômenos interdependentes, que interagem o tempo todo) com o lead (reducionista, sintético, supra-sumo da notícia, extrato do objetivo do fato). É possível usar a visão sistêmica no jornalismo sem prejuízo do *lead*? A resposta definitivamente, é SIM. Disseminar no jornalismo esta perspectiva significa agregar substância à notícia, estabelecendo novos parâmetros de cobertura em diferentes editorias.

Ainda para Trigueiro (p. 264), nós somos escravos de uma visão reducionista, que muitas vezes relega a natureza a funções apenas de suprir a demanda por alimentos, energia, matéria-prima e belas paisagens. Segundo ele, dilapidamos o patrimônio natural sem perceber que somos parte dele, que o Meio Ambiente começa no meio da gente. Para ele esta falsa dualidade - o eu e o meio ambiente - vem à tona com a física moderna, quando o universo é entendido como um complexo sistema de rédeas interligadas. E mais do que entendê-lo assim é preciso saber comunicá-lo assim:

“Entender a vida em sua expressão mais holística, sistêmica e inter-relacional não constitui o único desafio do nosso tempo. É preciso comunicar este saber, traduzi-lo sem o peso do jargão ecológico-científico, torná-lo inteligível ao maior número possível de pessoas, a fim de que uma nova cultura se manifeste na direção da sustentabilidade. Viver de forma sustentável – em equilíbrio com o meio ambiente – não é questão de estilo, mas sim de sobrevivência”

Com estes expostos, a criação da revista *Cerrado Sustentável* tenta trilhar este caminho de um Jornalismo preocupado com a objetividade e a transdisciplinaridade dos fatos que envolvem o Cerrado.

### **3.2. Jornalismo ambiental em um mundo em transformação**

Para o biólogo Edward Wilson (2002, p. 87), em seu livro *O Futuro da Vida*, estamos no Século do Ambiente, no qual o futuro imediato pode ser visto como um gargalo. Segundo o biólogo, a ciência e tecnologia, combinadas com o que ele chama de “obstinação paleolítica” e falta de compreensão nos colocaram onde estamos hoje. Agora, a ciência e a tecnologia, combinadas como uma visão mais sustentável e responsável do futuro e com “coragem moral”, tem que nos fazer passar pelo gargalo:

É tempo de por a Terra em ordem e determinar o que será necessário para oferecer uma vida satisfatória e sustentável a todos durante um período indefinido de tempo. A pergunta do século é a seguinte: qual é a melhor forma de implementarmos uma cultura de permanência, tanto para nós quanto para a biosfera que nos sustenta?

Nos termos do Jornalismo Ambiental, a percepção deste “gargalo” foi um dos legados deixados pela emblemática Conferência Eco 92, responsável por traçar os rumos do Jornalismo Ambiental ao mostrar um mundo em intensas transformações que necessitava ser percebido por um ângulo mais abrangente. No livro *Mundo Sustentável* (2005, p. 292) Trigueiro mostra esta dimensão. Segundo ele, a Conferência alcançou, tanto pelos assuntos debatidos, como pelos temas, uma dimensão sem precedentes na história: 104 reis, rainhas e chefes de Estado, acompanhados de um séquito de 10 mil delegados de 180 países. Nove mil jornalistas foram escalados para cobrir até então o maior evento de todos os tempos e também os encontros paralelos, com destaque para o Forum Global, que reuniu 12 mil representantes de 5.600 ONGS de 165 países. Nunca, em nenhum outro período se falou tanto em Meio



Ambiente. O mesmo valeu para a Convenção do Clima (que cinco anos mais tarde, justificaria a assinatura do Protocolo de Quioto), a Declaração das Florestas e a Agenda 21.

Os meios de comunicação no Brasil responderam rápido à demanda por notícias deste novo filão e várias editoriais especiais foram criadas para o tema Meio Ambiente, que não resistiram muito tempo e sucumbiram com o passar dos anos. Passada a febre da Conferência, o Jornalismo Ambiental passou por um período de decantação, com as pautas sobre meio ambiente sendo novamente relegadas a cobertura dos cadernos de ciência. O que para André Trigueiro (p. 292) não representou um retrocesso, uma vez que a semente estava lançada:

[...] O mais importante do que arranjo burocrático de cada redação para a cobertura das notícias de meio ambiente, é a sensibilidade de quem define a linha editorial, estabelecendo a ordem de grandeza destes assuntos no noticiário, não importa qual editoria.

Assim, a mídia impressa e eletrônica, mesmo sem a megaestrutura da Eco 92, aumentou significativamente seu espaço para a pauta ambiental. Desde então, uma nova geração de jornalistas ambientais encontrou um mercado “mais arejado e menos preconceituoso com relação aos assuntos ambientais, mas os que buscam seguir este caminho ainda enfrentam dificuldades”, definiu Trigueiro (p. 293).

Desde então, as certezas sobre as mudanças climáticas temperaram a multiplicação de matérias relacionadas ao tema ambiental na imprensa brasileira. Ao mesmo tempo, as alterações do clima são, atualmente, um dos principais desafios da já complexa cobertura sobre o meio ambiente. É o que afirmam Ilza Maria Girardi e Reges Schwaab (2008, p. 4). Segundo elas, o ano de 2007 foi bastante paradigmático para quem observa a temática ambiental de perto:

Os jornalistas, nos mais diversos meios, foram obrigados a encarar um cenário multifacetado, principalmente pela divulgação de relatórios sobre alterações no clima feitos pelo IPCC, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas ((Intergovernmental Panel on Climate Change). Outro componente também deve ser lembrado: a ampla divulgação do documentário *Uma verdade inconveniente*, do ex vice-presidente norte americano Al Gore. Paralelos a estes dois casos, de abrangência global, há tempos diversas organizações ambientais, de diversas esferas, têm alterado sobre os riscos do modelo insustentável de crescimento dos países, no qual as variáveis ecológicas são em grande parte dos casos desconsideradas, rechaçadas ou ressignificadas em estratégias de marketing verde.

Ainda segundo as autoras, um dos grandes desafios para os jornalistas é incorporar uma visão mais sistêmica e investir em apuração, produzindo matérias consistentes e de

referência. Para Girardi e Schwaab (p. 16) o que preocupa, todavia, é a qualidade das abordagens: a preferência pelo tom alarmista, pouca divulgação de dados científicos concretos e as altas doses de oportunismo quando a cobertura toca em ações para combater o problema. “Essas, diga-se de passagem, ainda estão para aparecer. É preciso apurar o olhar”.

Outro ponto importante que merece luz ao se falar em Jornalismo Ambiental é entender as suas especificidades. Ilza Girardi e Reges Schwaab (p.19) também traz uma lição sobre as peculiaridades deste meio:

Logicamente, o Jornalismo Ambiental segue os preceitos do Jornalismo, mas reforça a exploração de dados, a apuração, as ligações que envolvem o fato cotidiano, suas conseqüências e origens, incorporando, ainda, o olhar ecológico. Este, por sua vez, fornece evidências, diagnósticos que ajudam na construção de um saber ambiental necessário a vida cotidiana.

Também faz-se necessário entender o que quer dizer o conceito Jornalismo Ambiental. Para Wilson Bueno (2007, p. 33), em seu livro *Comunicação e Jornalismo Ambiental*, é, em primeiro lugar, caracterizado por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa:

Está definido tanto pelas matérias/colunas/ editoriais/cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (são exemplos: a Revista do Meio Ambiente, a Ecoagência e o site Jornalistas Ambientais, a revista digital Envolverde, o jornal diário Ambiente Brasil, os programas Repórter Eco ou Globo Ecologia e mesmo todas as mensagens que são trocadas pela Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental).

Bueno (p.29) ainda completa. “O jornalismo ambiental deve construir o seu próprio ‘ethos’, ainda que compartilhe parcela significativa de seu DNA com todos os jornalisismos (especializados ou não)”. O autor também traça uma diferenciação importante, sobre o que é Jornalismo Ambiental e o que é Comunicação Ambiental. Segundo ele, a Comunicação Ambiental não tem compromisso com a atualidade - pode publicar um livro sobre meio ambiente, por exemplo - e nem com um formato particular, não pressupõem periodicidade para seus produtos ou ações. Além disto, é realizada por qualquer profissional, enquanto, o Jornalismo Ambiental é terreno restrito dos jornalistas. Para Wilson Bueno (p. 33), outra conceituação importante é definir o Meio Ambiente, terreno comum tanto para a Comunicação como para o Jornalismo Ambiental:

Meio ambiente é um complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico [...], mas inclui interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana.

Outra singularidade nata do Jornalismo Ambiental é a pauta ambiental, a qual não se encerra em uma vertente meramente técnica, que simplesmente seguir e reproduzir os princípios estabelecidos pelos manuais de jornalismo, que se baseiam em conceitos com neutralidade e objetividade. Pelo contrário. “A pauta ambiental é fundamentalmente diversa e incorpora um sem número de possibilidades, acompanhando o próprio conceito de meio ambiente que deve praticar na área” (BUENO, 2007, p.37).

Todas estas peculiaridades do Jornalismo Ambiental também escondem riscos que devem ser atentados. Bueno (p. 17) chama a atenção para o que ele denomina “Síndrome de Lattes”, ou seja, o jornalismo tem priorizado as fontes que dispõem de currículo acadêmico, produtores de conhecimento especializado -- que muitas vezes tem, por viés do olhar ou por má índole, tem se tornado cúmplices de corporações nacionais que pregam o monopólio das sementes ou fazem apologia dos insumos químicos ou agrotóxicos. Para ele, sobretudo, é preciso deixar claro que o saber ambiental não se confunde ou é privilégio de instâncias especializadas e que “na verdade, é resultado da articulação dos saberes, experiências e conhecimentos tradicionais”.

Trigueiro (2005, p. 23), ainda lista outras dificuldades que perpassam o caminho do Jornalismo Ambiental e exige atenção dos jornalistas ambientais:

Entre as dificuldades hoje, está a falta de recursos destinados tanto pelo poder público (municipal, estadual e federal) nos veículos que seguem este caminho, quanto pelo desinteresse de muitas empresas jornalísticas investirem em capacitação para seus funcionários. Outro problema ainda é a chamada “maquiagem verde” – marketing ambiental que constrói uma visão ecologicamente correta, sem a devida contrapartida no real, posição que nem sempre é descoberta a tempo pelas redações e veículos.

Mesmo com todos os desafios e sinuosidades, o Jornalismo Ambiental colhe avanços. Já foi muito mais difícil antes emplacar a pauta ambiental na mídia, hoje, aos poucos novos e importantes espaços vão se abrindo, pela enorme demanda de informações de qualidade nesta aérea:

Estou convencido que o jornalismo ambiental está destinado a crescer em todas as mídias, e que isto se dará ainda mais rapidamente à medida que os profissionais de imprensa souberem fundamentar suas pautas com boas fontes e informação qualidade. (TRIGUEIRO, 2005, p. 285).

Análise que confirma que o exercício da profissão está se atentando para urgência dos valores ambientais, em um cenário em franca expansão, que precisa praticar diariamente esforços para ampliar a visão de mundo de forma orgânica e sistêmica. Ademais, fora das redações dos veículos tradicionais, brotam vários exemplos de mídias impressas e eletrônicas determinadas a seguir o exercício do Jornalismo Ambiental.

Não se esquecendo, para concluir, que a característica fundamental do Jornalismo Ambiental, é a de romper o dogma do mito jornalístico da imparcialidade: “O Jornalismo Ambiental quebra o dogma da imparcialidade, tão defendida e propalada pelos cursos de comunicação, ao tomar partido em favor da sustentabilidade” (TRIGUEIRO, 2005, p. 300).

Como assim também defende Wilson Bueno (2007, p. 30) em seu livro supracitado: “o Jornalista Ambiental [...] tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Consciente e capacitado, ele será militante para sempre”. Assim, o jornalista ambiental deve se comprometer com a militância - entendida como um compromisso com a conscientização, mobilização, superação das desigualdades e a denuncia dos grandes interesses.

### **3.3. Jornalismo em revista: características essenciais**

O Jornalismo em revista oferece características intrínsecas e mostra-se como suporte ideal para a criação de um projeto que vise falar do Cerrado e do meio ambiente de forma integrada e profunda. As revistas são lugares privilegiados para a abordagem contextualizada e analítica dos fatos. Também são os meios de comunicação segmentados por natureza. Com a grande atenção destinada atualmente aos acontecimentos ambientais, é natural que surjam muitas publicações direcionadas especificamente para essa temática, ainda mais porque estas questões exigem tempo e espaço. O jornalismo especializado, assim, desenvolve estratégias editoriais próprias provenientes de um público mais seletivo e uma linha editorial mais contundente, mais focada.

Para Goulart (2006), hoje, as revistas representam a maior variedade editorial que dispomos. São milhares de títulos para todos os públicos, gostos. A revista está inserida no mercado atual; um mercado que busca a segmentação de público e publicitária. “Fala para as diversas tribos. Logo, a revista é um bom negócio para as empresas, para o mercado, para o público e, claro, para os jornalistas”.

As revistas se caracterizam por reunir os itens: linguagem, reportagem e visual. Para Scalzo (2003), as grandes características que norteiam o trabalho do jornalista em uma revista

são determinadas justamente pela especialidade, formato e a periodicidade. E se diferenciam por possuir menos informações no sentido clássico (as *hard news* ficam mais a cargo dos jornais diários) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor no seu cotidiano).

Para a revista *Cerrado Sustentável*, este suporte é ideal justamente por seu caráter de segmentação. Processo que remonta à década 1980. A partir desta época, a segmentação da mídia acelerou-se em todo o País. Segundo Mira (2001), no meio revista, segmentado por definição, esse processo tornou-se intenso e influenciou a criação de novas editorias. Com essa mudança, o mercado editorial ampliou seus olhares e seus esforços com o propósito de alcançar novos públicos. Em 1985, Tomas Souto Correa (um dos editores mais importantes da história da Editora Abril) falou em entrevista sobre essa tendência: “Para os empresários, a flexibilização relacionava-se à segmentação na medida em que flexibilizar seria a melhor maneira de se capacitar para descobrir rapidamente novos nichos de mercado” (apud Mira, 2001, p. 148).

A segmentação, assim, tem o papel de selecionador em meio a tantos assuntos e informações aquilo que pode interessar, poupando o tempo do consumidor em meio ao bombardeio de informações que recebemos diariamente. Quanto a isto, as revistas apresentam certa vantagem, pois conhecem seus leitores, assim como completa Marília Scalzo (2003, p. 20) em seu livro *Jornalismo de Revista*:

No jornal, fala-se para um teatro, mas ainda não se consegue distinguir quem é quem na platéia; já numa revista semanal de informação, o teatro é menor, a platéia é selecionada, você tem uma idéia melhor do grupo, ainda que não consiga identificar um por um. É na revista segmentada, geralmente mensal, que de fato se conhece cada leitor, sabe-se exatamente com quem se está falando.

Sob o espectro da produção, as revistas passam pelo mesmo processo de criação de qualquer produto jornalístico (construção da pauta, apuração dos fatos, hierarquização das informações, escolha de fotografias/ilustrações, diagramação/editoração e revisão), mas tem singularidades inerentes. Entre elas, está o maior espaço de tempo para se chegar ao resultado final, no delineamento mais concreto do público e na definição mais expandida e clara do que a revista abordará nas próximas edições. A periodicidade quinzenal ou mensal possibilita a análise e transmissão de informações mais intrincadas e sistêmicas.

Outro objetivo da *Cerrado Sustentável* é construir um sentimento de pertencimento ao bioma Cerrado, de que sua preservação é determinante na qualidade de vida de todos nós. Neste ponto, o jornalismo de revista também oferece os requisitos necessários, já que com ele é possível criar um elo profundo com o leitor, uma relação afetiva:

Revista também é um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une o grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, da sensação de pertencer a algum grupo (SCALZO, 2003, p. 12).

Assim, fica fácil entender que a relação entre o jornalista, ou edição de uma revista, e o leitor é muito próxima e de confiança, pois, além de tudo, a revista procura aprofundar os fatos por meio de um jornalismo mais analítico e interpretativo.

Quanto ao estilo e forma temos o termo *estilo magazine*, utilizado pelo jornalista Sérgio Vilas Boas (1997, p. 9) e que define a junção de arte e técnica no texto da revista, já que muitas vezes ele pode chegar perto do estilo literário. Segundo o autor, as revistas podem utilizar coloquialismos, adjetivos, diálogos, apresentações e narrações, tudo isso – é claro – de acordo com o seu leitor, mas que não deixa de ser uma forma de liberdade editorial. O texto é o grande elemento que diferencia a revista do jornal. “Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando estilos geralmente incompatíveis com o jornal diário”.

A revista é um veículo que exige criatividade, pois não se baseia no imediatismo e sim na sensibilidade do repórter de enxergar as possibilidades que se pode encontrar em uma matéria. Mais ainda, estudando a história das revistas, o que se nota em primeiro lugar não é uma vocação noticiosa do meio, mas sim a afirmação de dois caminhos bem evidentes, que são o da educação e o entretenimento. (SCALZO, 2003, p. 13).

O visual também possui grande importância nas revistas. Nelas, as informações são colocadas estrategicamente de modo que as coisas mais importantes chamem a atenção do leitor; é, portanto, uma mistura de jornalismo e entretenimento.

Justamente por esta preocupação visual, estética e textual, as revistas ganham um grande valor agregado, causando uma espécie de *fetichismo* em seus leitores pelo material gráfico impresso. Relação bem definida por Scalzo (2003, p.12): “atire a primeira pedra quem não tem dó de jogar uma revista fora, quem nunca guardou uma publicação, quem nunca pensou em colecionar um título”.

Desta forma, mesmo com o avanço tecnológico e o conseqüente redesenho das funções dos veículos de jornalismo impresso na atualidade, as revistas continuam sendo editadas. Nunca se viu tantas publicações nas bancas de revistas, com uma gama impressionante de produtos para todos os gostos. Em tempos em que a velocidade da apuração da informação imprime ritmos cada vez mais ágeis, a superficialidade acaba sendo

comum nos meios eletrônicos. Caberá então, cada vez mais, o papel de veículo com espaço para o aprofundamento do debate de diversos temas. É o que defende Goulart (2006), para ele “ao olharmos para o presente e futuro, alguns desafios se apresentam para as revistas [...] Mas, ao menos enquanto mantivermos nossa relação passional com o papel, as revistas impressas terão vida”.

A primeira revista do Brasil foi lançada quatro anos após a publicação do primeiro jornal. Idealizada por um editor português, Antônio da Silva Serva, teve como nome *As Variedades ou Ensaio de Literatura*. As primeiras revistas eram inspiradas, ou até mesmo cópias, de publicações estrangeiras e apesar de ter como objetivo colocar informações que retratassem toda a população em variados temas, o direcionamento para material segmentado foi sendo adquirido com o lançamento de revistas femininas, masculinas, para públicos mais diversificados ou jovens. O grande marco do jornalismo impresso brasileiro foi a revista *O Cruzeiro*, idealizada por Assis Chateaubriand, teve grande repercussão nas décadas de 40 e 50 e já mostrava as principais características do jornalismo em revista, conciliando a imagem e o texto de forma que a ilustração era muito valorizada. Apesar das revistas sofrerem um declínio com o fortalecimento da televisão, o surgimento de revistas cada vez mais voltadas a um determinado público fez com que muitas delas prevalecessem até hoje. É o caso da *Veja*, *Manequim*, *Claudia*, *Istoé* entre outras. (SCALO, 2003).

Efetivamente no Brasil, pode-se considerar que a mídia segmentada, aqui definida como sendo aquela que se dedica a veicular informações de forma detalhada sobre um tema específico, apareceu no início da década de 1950. Este aparecimento se deu quando jornais da época começaram a publicar informações e abordar assuntos dirigidos ao público feminino (novelas, na época essas eram radiofônicas, corte e costura, moda etc.). Assim, a mídia segmentada constituía-se de seções dentro dos veículos da época, principalmente, jornais impressos. Na medida em que as técnicas de comunicação e o próprio mercado consumidor (leitores que exigiam mais profundidade em determinados assuntos) evoluíam e se aperfeiçoavam, essas seções também foram evoluindo, destacando-se do corpo dos jornais, transformando-se em cadernos “independentes”, ainda distribuídos junto com os jornais. O rápido surgimento de veículos desvinculados dos jornais (basicamente revistas e guias especializados) foi, também, uma evolução natural do mercado, constituindo-se, hoje de um segmento em franca evolução, com identidade própria (DIAS, 2009, p. 4).

No ponto de vista ambiental, a mídia impressa voltou suas atenções para o Meio Ambiente à época da realização da Eco-92. Segundo Eloisa Beling Loose, em seu artigo *A Segmentação das Revistas e a Temática Ambiental*, com a realização da conferência

internacional Eco-92, no Rio de Janeiro, o jornalismo abriu mais os olhos para as questões ambientais.

Percepção sinalizada também Mira (2001). Segundo ela, nesse ano, a Editora Azul lançou *Os Caminhos da Terra* – revista de turismo de 100 mil exemplares dirigida ao viajante interessado em descobrir lugares não frequentados e em explorar a natureza. Essa publicação foi uma das pioneiras e estava baseada no tripé aventura/ecologia/natureza. Neste momento, os anunciantes se já enquadravam no pensamento do “marketing verde” ou “marketing ecológico”. Nesta mesma época, surgiram publicações editadas por organizações não governamentais como o *Jornal do Meio Ambiente* e o *Jornal Terramérica*. Revistas digitais também aparecem – já que a internet possibilita menores custos de produção e veiculação, como a *Água online* e a *Rede Verde*. Das publicações que atingiram número maior de leitores, são registradas: *Eco 21* e *Ecologia e Desenvolvimento*.

Em seu estudo, Losse (2009) ainda cita a autora Zamberlan (2004) para mostrar mais detalhes do jornalismo ambiental em revista feito nos anos 90. Para esta, a eclosão das ideias sobre desenvolvimento sustentável e meio ambiente fez com que a Editora Terceiro Mundo (hoje Terceiro Milênio), nascida em 31 junho de 1980 e com paternidade atribuída ao jornalista e deputado federal Neiva Moreira, lançasse três publicações no mercado com esta ênfase: *Cadernos do Terceiro Mundo*, *Ecologia e Desenvolvimento* (1991) e *Revista do Mercosul* (1992). A revista *Ecologia e Desenvolvimento* foi a que mais teve sucesso entre as três.

A revista *Eco 21*, já citada, está entre os bons exemplos de publicações ambientais bem sucedidas. Com 18 anos de atividade, é mensal e conta com uma tiragem de 30 a 20 mil exemplares, tem distribuição nacional e mais de 20.000 mil assinantes, eventos e mala direta. Um exemplo que existe mercado e é possível se consolidar dentro deste setor editorial.

Para o maior aprofundamento neste trabalho, nota-se que a pesquisa no campo das revistas ambientais carece de bibliografia, levantamento das publicações ambientais brasileiras que já existiram e investigar as causas de suas mortandades, conhecer e entender as intenções das editoras que as publicam, de procurar dados mais concretos sobre o perfil do público e resgatar o histórico dessas revistas.

Percebe-se que neste mercado a grande questão para o editor não é tanto como lançar uma revista, mas como mantê-la viva. Entre os grandes desafios está a questão mercadológica – as revistas ambientais possuem ainda um público restrito e os saldos publicitários são ainda pequenos, devido às contradições existentes entre produtores, defensores de uma nova visão de planeta, e os investidores, preocupados com a arrecadação de mais consumidores.



Dicotomia esta que já está em processo de superação, uma vez que para uma empresa, hoje, investir em ações que primem pela preocupação com as questões ambientais torna-se um requisito quase indispensável.

Mas, mesmo com estes desafios, a segmentação e as muitas possibilidades do Jornalismo de Revista mostram o quão fértil é esse espaço para o esclarecimento e compreensão do meio ambiente.

## 4. A REVISTA CERRADO SUSTENTÁVEL

### 4.1. Descrição do Produto

Um das preocupações da revista *Cerrado Sustentável* é a concepção de um projeto editorial dinâmico. O objetivo é que o Cerrado seja tratado em diferentes estilos e formatos jornalísticos, e que leitores encontrem uma publicação diversificada e não monótona.

Dessa maneira, a revista foi dividida em diversas seções:

- Artigo: espaço reservado à publicação de um artigo científico, produzido por professores da UFG ou de outras Instituições de Ensino e profissionais ligados a órgãos ou entidades cujo trabalho seja o Cerrado. Os temas tem como pano de fundo os múltiplos aspectos que envolvem o bioma.
- Entrevista de entrada: Entrevista com alguma personalidade de relevância regional ou nacional na questão ambiental, com recorte no Cerrado. Segue a cartilha das revistas semanais de informação (com entrevista na abertura).
- Matéria de Capa: matéria escolhida como grande destaque desta edição, que leve em conta os critérios do processo de edição para sua escolha.
- Coluna Trilhas: Notas sobre turismo no Cerrado
- Coluna Olhares: Ensaio fotográfico sobre o Cerrado, a cada edição é escolhido um trabalho e um fotógrafo diferente.
- Seção Alternativas: a cada edição é escolhida uma matéria que traga alternativas de desenvolvimento sustentável para o Bioma Cerrado.
- Seção Comportamento: matéria relacionada à comportamentos sustentáveis, que de alguma forma auxiliem a preservação do Cerrado
- Seção Tecnologias: traz exemplos de tecnologias que surgem na busca de soluções mais eficientes e limpas no Cerrado.

O intuito é que a revista seja distribuída em Instituições de Ensino (como a Universidade Federal de Goiás, PUC Goiás, Instituto Federal de Educação, etc.); em órgãos e entidades de alguma forma ligados a conservação do Cerrado (como AMMA, SEMARH, entrepostos e cooperativas de produtos e alimentos artesanais e orgânicos como a Goiás Orgânico, ADAO-GO, agências de Turismo); livrarias especializadas como a Leitura,

Siciliano e Saraiva; Pontos de Cultura como o Pontão República do Cerrado; sindicatos e associações de Jornalistas;

Antes, o público-alvo do Jornalismo Ambiental era formado por ambientalistas e ecologistas. Atualmente, o interesse pelo tema expandiu-se em decorrência da disseminação de conceitos como os de responsabilidade social, desenvolvimento sustentável e biossegurança. Assim, o público-alvo da *Cerrado Sustentável* é formado por pessoas das classes A e B, com nível mais elevado de instrução; que tenham o interesse por informação mais completa e aprofundada sobre temas específicos como o Meio Ambiente.

Compõem esta amostragem de público alvo: o terceiro setor, profissionais de educação, saúde, turismo, transporte, energia, biologia, saneamento, arquitetura, agronomia e hotelaria; jornalistas, artistas, cientistas, líderes políticos ou sindicais, estudantes e professores. A revista também pode ser utilizada por alunos e educadores, que a partir do Ensino Médio a usem como fonte de pesquisa para trabalhos escolares - assim a edição pode ser colecionada e funcionar como guia para estudos sobre o Cerrado.

#### **4.2. O processo de criação: definição da linha editorial, pautas e edição**

Produzida como trabalho de conclusão de curso, a revista *Cerrado Sustentável* nasce primeiramente da reflexão sobre a linha editorial, “que define quem são os leitores da revista, planeja os cenários futuros para a publicação, levanta dados sobre a concorrência, antevê os possíveis riscos e estratégias de ação” (SCALZO, 2003, pág. 62). Assim, a escolha do padrão editorial da *Cerrado Sustentável* foi o princípio norteador de todos os outros elementos mais importantes do veículo – seleção das pautas, escolha do formato, público alvo, estratégias de comercialização, fotos e ilustrações, etc.

A linha editorial se pautou pela segmentação do jornalismo ambiental, que trate de temas relacionados à questão ambiental, neste caso com o recorte no Cerrado, de forma sistêmica e profunda. E é justamente a necessidade pela segmentação no tratamento dos temas que levou a escolha do formato revista. “Entre as revistas, a segmentação por assunto e tipo de público faz parte da própria essência do veículo” (SCALZO, 2003, pág. 14).

A partir desta definição, foi traçada a seleção das pautas. A preocupação, aqui, foi escolher temas sobre o Cerrado que pudessem ser tratados pelo olhar sistêmico, com pautas que superassem e fossem além do *lead* tradicional dos jornais, que apenas denunciam e trazem números e mais números, sem análise detalhada. Como assim defende o jornalista

André Trigueiro (2005, p. 282), um jornalismo “não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumos e perspectivas para sociedade, através das histórias que conta ou escreve”.

Outra vertente que merece ser comentada sobre as pautas da *Cerrado Sustentável* é que os assuntos abordados e as matérias se complementam em um mosaico interativo. Cada matéria é um complemento à algum assunto já tratado em outra matéria e vice-versa. De forma, que todos os conteúdos abordados pela revista sejam interligados e atuem como um quebra-cabeça dinâmico. Neste sentido, o guia foi a diversificação de assuntos referentes ao Cerrado, para que a leitura flua por toda a revista. A diversificação é que dita o ritmo da revista, e está na própria natureza do veículo (SCALZO, pág. 65). Assim, na *Cerrado Sustentável* existe a preocupação em falar de política, economia, comportamento, cultura e sociedade.

Para isto, as pautas também foram apuradas e elaboradas, sempre com a preocupação de inserir os temas sobre o Cerrado em uma perspectiva sistêmica, trazendo vários diálogos, olhares e fontes para o texto jornalístico de revista, que de alguma forma também seja envolvente, já que a revista é um veículo que exige “de seus profissionais textos elegantes e sedutores” (VILAS BOAS, 1997, p. 9).

Neste ponto, as características do jornalismo em revista não poderiam ser mais propícias, pois trazem uma certa “liberdade” jornalística e permitem o aprofundamento no tratamento das pautas. Afinal, como também disse Scalzo (p. 14): “O ‘como’ no jornalismo de revista é fundamental”.

Esta edição buscou trabalhar pautas que trouxeram aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e científicos. Neste sentido, umas das pautas trazidas pela *Cerrado Sustentável* é uma entrevista com professor da UNB e assessor do ISPN, Donald Sowyer, sobre políticas públicas. O tema é de suma importância na questão do Cerrado, visto que historicamente o bioma ficou relegado ao esquecimento em se tratando de políticas públicas de preservação ambiental, ao passo que foi alvo das principais políticas desenvolvimentistas do País na última década. Sowyer foi escolhido pela sua longa jornada de estudos e pesquisas nesta área, sendo autor e co-autor de várias publicações.

Outra pauta da *Cerrado Sustentável* foi a investigação da atual situação do bioma, buscando números de seu desmatamento, suas riquezas que estão ameaçadas, mostrando também como o momento é crucial para se pensar a gestão e planejamento territorial do Bioma nas próximas décadas. Desta pauta, nasceu a matéria “O gargalo da vida”. Outra

preocupação nesta reportagem foi trazer os olhares dos pesquisadores e professores da UFG, juntamente com cenários e previsões dos estudos mundiais em meio ambiente e clima.

Como as principais relações, conflitos e pressões que emergem no Cerrado são provenientes da sua complexa relação do agronegócio, a *Cerrado Sustentável* trouxe nesta edição uma ampla cobertura e discussão sobre o I Forum Goiano de Agroecologia, realizado pela UFG nos dias 13 a 16 de outubro. Aparentemente, é uma pauta que poderia se tornar vencida, mas a preocupação nesta matéria fixou as perspectivas de desenvolvimento sustentável em termos de agricultura para o Cerrado, e não em uma simples cobertura do evento.

Além da matéria “Por uma agricultura sustentável”, a *Cerrado Sustentável* aproveitou a passagem do grande nome da agroecologia no mundo, a professora Ana Maria Primavesi, e traz como correlata a esta matéria uma longa entrevista com esta personalidade da causa ambiental.

Preocupada em mostrar exemplos positivos de que é possível o desenvolvimento sustentável no Cerrado, a *Cerrado Sustentável* ainda traz duas matérias que mostram soluções inteligentes neste ponto: a matéria “Ecovilas do Cerrado” e a matéria “Por uma alimentação boa, limpa e justa”. A primeira mostra as tecnologias desenvolvidas pelo Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC), localizado em Pirinópolis (GO). Já a segunda também tem como palco a cidade histórica, mas desta vez retrata os princípios do Slow Food, que entre várias ações promove o projeto “Fortaleza do Barú” na preservação do Cerrado.

Os assuntos preservação e valorização do Cerrado (Eguimar Felício); biotecnologia e agricultura (Manoel Calaça); novas tecnologias sustentáveis (Anderson Cleiton José); e preservação de Sítios Arqueológicos (Pedro Ignácio Schmitz) ganharam a análise de professores e especialistas em artigos que trazem a visão científica para dar luz a estas reflexões.

Para completar os conteúdos da revista *Cerrado Sustentável*, o turismo ecológico ganhou voz na “Coluna Trilhas”. Já a coluna “Olhares” traz a arte da fotografia para valorizar as belezas e riquezas do Cerrado.

#### **4.3. A distribuição das matérias**

Seguindo o fluxograma, após a confecção dos textos, estes foram revisados, editados e distribuídos nos eixos temáticos da *Cerrado Sustentável*. A entrevista com o professor Donald Sawyer como políticas públicas foi escolhida como entrevista de abertura ou de entrada,

devido a relevância nacional tanto do tema como do pesquisador. Os artigos foram usados para intercalar as matérias, pois apresentam uma diagramação e linguagens gráficas diferenciadas, o que dá ritmo e dinamismo a leitura. Sendo assim, na sequência da entrevista, temos o belo artigo do professor Eguimar Felício sobre a valorização e preservação do Cerrado.

Logo após, conferimos a matéria de capa. No processo de edição, a matéria “o gargalo da vida” foi indicada como matéria de capa, pois traduz toda a essência e a proposta da revista *Cerrado Sustentável*, mostrando o bioma no passado, no presente e num olhar para o futuro. Ela é o eixo do qual se desdobram todas as outras partes da revista.

Na sequência, o artigo sobre biotecnologia e agricultura do professor Manoel Calaça já introduz as discussões sobre agricultura, para, logo após, termos a matéria “Por uma agricultura sustentável”. O texto foi escolhido para a seção “Alternativas”, justamente pela agroecologia ser a principal alternativa no caminho para um desenvolvimento mais sustentável do Cerrado e pelo texto trazer uma série de exemplos práticos de que é possível um novo caminho. Como correlata à matéria, Ana Maria Primavesi aparece em entrevista secundária.

Além de biodiversidade, o Cerrado reserva os mistérios dos sítios arqueológicos, de povos que há pelos 11 mil anos já o povoavam. Assim, o artigo sobre Sítios Arqueológicos entra logo após a entrevista de Primavesi. A sua colocação já mostra uma mudança de temas para o lado mais cultural e comportamental.

Depois de um olhar no passado, lança-se o olhar para o futuro. Dando continuidade, o artigo “Novas Tecnologias” e a matéria sobre “Ecovilas do Cerrado”, aparecem juntas. Em assuntos que se interligam.

Logo depois, a coluna Trilhas, traz várias dicas de turismo e cultura no Centro Oeste, vem seguida pelo tema Slow Food de Pirinópolis, que entra na seção comportamento, mostrando a importância dos consumidores conscientes. Para finalizar, a coluna “Olhares” traz como deleite as belas fotos de Fábio Oliveira, mostrando porquê o Cerrado deve ser preservado.

Um ponto da edição foi a atenção com a imagem. Scalzo (2003, p. 69) afirma que as fotografias são a “porta de entrada” do leitor nas páginas impressas. Em reconhecimento ao poder de comunicação e sedução da imagem, a revista *Cerrado Sustentável* traz a preocupação em captar fotografias condizentes com o cuidado dedicado aos textos. A seleção da imagem de capa, bem como de editorial, expediente, índice e chamadas de capa também foram parte determinante no processo de edição da *Cerrado Sustentável*.

#### 4.4. Projeto Gráfico

A *Cerrado Sustentável* é uma revista impressa em formato padrão magazine, com 21 x 27 cm centímetros, em policromia (4x4 cores) sobre papel couché liso 70 g (miolo) e couché liso 150 g (capas). A revista usa uma encadernação estilo “dobra e grampo” e, portanto, mantém certo cuidado com relação às margens de cada página. Possui de 48 a 50 páginas.

Com a tiragem de 2.000 mil a 4.000 mil exemplares, a periodicidade da *Cerrado Sustentável* é trimestral, pois assim atende à necessidade de apuração detalhada das pautas, e empresta maior flexibilização ao departamento comercial – estratégias descritas no subitem “Estratégias de Comercialização”. (pagina 43).

O design gráfico é uma das mais importantes linguagens de comunicação existentes em uma página de jornal ou revista. É responsável por grande parte do sucesso ou do fracasso de uma publicação. Grande parte da responsabilidade de uma perfeita comunicação entre um impresso e seu público é atribuída ao projeto gráfico. A forma gráfica de uma página tanto pode afastar como aproximar o veículo de seu leitor. Pode, também, causar ruídos de leitura, má compreensão, cansar a visão, conduzir a uma leitura de uma forma equivocada etc. O modo como uma página, seja ela de jornal ou revista, é composta graficamente deve estar em sincronia com diversos fatores editoriais como: a ordem de leitura das matérias; facilidade de percepção do conteúdo explícito na página; rapidez na transmissão da informação; facilidade na localização de assuntos; melhor entendimento da reportagem. (OKIDA, 2002).

Segundo Márcia Okida (2002), professora de Design Gráfico e Editoração Eletrônica na Faculdade de Artes e Comunicação (FaAC) da Universidade Santa Cecília (Unisantia), assim como a composição gráfica pode ajudar a construir pode, também, destruir o conjunto editorial:

Um bom projeto gráfico editorial é aquele que conduz os olhos dos leitores sem se tornar o elemento principal daquela página. Sem interferir na qualidade da leitura. As imagens, o tamanho das fontes tipográficas, a posição de títulos, retículas, boxes, fios, enfim, todos os elementos visuais devem ser perfeitamente pensados e posicionados com o objetivo de atender a uma necessidade editorial.

Ainda segundo a professora, um bom conjunto gráfico deve ser o espelho de um determinado tipo de público para o qual aquelas matérias estão sendo feitas, principalmente no caso de revistas segmentadas. A busca de um equilíbrio entre a informação visual e a informação textual, e um design que não se imponha aos olhos de seu público gritando suas

formas e cores, deve ser a finalidade principal do designer gráfico no momento do desenvolvimento de seu trabalho. Mas esse design ideal que comunica com perfeição e que leva os olhos do leitor pelos caminhos desejados por um editor sem se tornar a força maior da página, não é algo fácil ou simples de ser alcançado. Existem vários elementos de construção gráfica que devem ser observados no momento da criação de um projeto ou na hora da sua diagramação são eles: tipografia, cores, equilíbrio, geometrização e gestalt, entre outros. (OKIDA, 2002)

A geometrização deve privilegiar os pontos de visão direta e visão periférica com as informações principais da matéria. A fotografia tem uma grande importância no traçado geométrico de uma página. Os olhos dos leitores caminham pela página de acordo com a força visual de cada elemento apresentado na diagramação. Esse traçado geométrico feito, inconscientemente, pelos olhos transmite ao cérebro informações de caráter sinestésico, além de facilitar ou dificultar o entendimento geral. O projeto gráfico da revista *Cerrado Sustentável* destinou atenção especial à geometrização. Neste ponto, a preocupação foi em não tornar as fotografias e o texto elementos “engessados na página”, eles ganharam dinamismo com diferentes efeitos como as “fotos recortadas” e diferentes disposições para os subtítulos e divisões internas de cada matéria. Para garantir a excelente qualidade das imagens, usou-se fotos em resolução superior a [4.0MP] 2272 X 1704 pixels.

Já no elemento gestalt, o contraste entre "figura e fundo" do conjunto gráfico é o preponderante. O equilíbrio entre áreas com e sem informação deve ser bem observado. Esses espaços em branco funcionam como área de respiro para uma página ajudando o ritmo de leitura. Essas áreas de descanso visual devem ser usadas de acordo com a necessidade editorial de um assunto, além de representar os anseios estéticos de um determinado público. Faixa etária, sexo, nível social e cultural, além dos assuntos a serem abordados, podem indicar como essas áreas de respiro devem ser usadas, em que quantidade e onde. A revista *Cerrado Sustentável* tem como intenção em seu projeto gráfico e editorial se assemelhar as grandes revistas informativas nacionais com a *Veja*, *Carta Capital*, *Época*. Assim, manteve um projeto gráfico no seu interior mais tradicional, acreditando que este estilo traz maior credibilidade e já é tradicionalmente assimilado pelo leitor. Com este objetivo, o projeto gráfico da *Cerrado Sustentável* privilegiou muito a valorização e o respeito aos espaços em branco.

A escolha tipográfica é de grande importância no resultado final de um impresso. Essa escolha pode ser a responsável pela falta de vontade de terminar a leitura de uma matéria. Algumas características gráficas das letras podem dificultar muito a leitura e,



conseqüentemente, a assimilação do conteúdo. Nas matérias, capa, índice e expediente, os tipos usados no projeto da *Cerrado Sustentável* são majoritariamente as da família “Rockwell” e as da família “Myriad Pro”. Myriad Pro foi escolhida por ser uma família de letras com uma altura x não muito grande em relação ao ascendente, por ser sem serifa, para deixar a revista com uma aparência mais leve, e por suas curvas não serem muito acentuadas, como no caso das letras C e S. Rockwell é uma família de letras de serifa quadrada, com uma aparência mais pesada, que destaca-se. Apesar da serifa, tem uma aparência moderna. Por isso foi escolhida para ser usada principalmente em títulos e chamadas.

O uso das cores de forma errada também pode fazer com que o leitor se interesse em primeiro lugar por uma matéria que não é tão importante. Deve-se observar não somente a cor que se deseja usar, mas sua localização na página e quantos segundos de percepção são necessários para sua assimilação pelo cérebro, assim como, quanto tempo uma pessoa ficará com seus olhos fixos nela. Esses tempos são de grande importância e influenciam diretamente na comunicação visual e textual. As cores, dentro do conjunto visual de uma página, devem ser mais um elemento a ajudar na seqüência de leitura desejada pelo editor.

Na revista *Cerrado Sustentável*, escolha feita de cores foi por um marrom terra em todos os elementos gráficos que recebem cor no interior da revista (como retrancas, títulos e janelas), por ser mais sóbria, ao mesmo tempo em que é impactante e comunica a ideia de algo rústico e tradicional como o Bioma Cerrado. A capa e a logotipo da revista receberam a tonalidade amarelo bem aberto. Aqui, o intuito foi criar um projeto gráfico ousado e chamativo. Afinal, para Scalzo (2003, p. 63) “a capa é síntese irresistível da edição” e deve vender o produto. A definição da capa primou pela disposição das chamadas de capa em cima de fundo fotográfico. Como o primeiro número da revista *Cerrado Sustentável* quer chamar a atenção para um Bioma tão único e imponente, fez-se a escolha por uma foto que mostre o Cerrado em sua essência, simples e cru, imagem que por si só já comunica ao público o porquê desta publicação existir. Também foi criado um *slogan* para o logotipo da *Cerrado Sustentável*, cuja frase diz: “Caminhos para um bioma ameaçado”.

O equilíbrio também foi outro ponto chave para a criação da revista *Cerrado Sustentável*. A assimetria ou simetria excessiva de uma página também pode afastar o interesse imediato e dificultar a leitura geral. O uso de uma diagramação simétrica é quase que um padrão nos impressos atuais e a assimetria é tida, muitas vezes, como erro ou desequilíbrio. Existem públicos com preferências estéticas totalmente assimétricas e que acabam não se identificando com uma diagramação excessivamente simétrica. Na revista *Cerrado Sustentável* buscou uma certa assimetria na diagramação das páginas, o que torna-se

necessário por ser uma revista de textos extensos e profundos. Uma diagramação muito simétrica poderia tornar a leitura extremamente cansativa e monótona, fazendo com que o leitor perca o interesse logo nos primeiros momentos em que entre em contato com a revista. Para isso, foi realizada a criação de diferentes caixas de texto para as matérias com textos muitos extensos. Em cores diferentes, sempre em tons pastéis, foram sendo criados quadros e *boxes* ao longo da diagramação, oferecendo uma leitura dinâmica e fluida.

Em termos de diferenciação de uma matéria para outra, criou-se seções com objetivo de abrigar matérias que são as divisões: matéria de capa, seção alternativas, seção tecnologias. Ambas recebem diferenciação na retranca posicionada no canto superior direito/esquerdo das páginas, tipologia padrão para o título, olho, texto e legenda. Também foi criada uma diagramação específica para as entrevistas (aqui, são duas, uma entrevista de abertura e outra correlata). A disposição é feita em formato *ping-pong* e o projeto gráfico destaca as janelas, que vem entre duas tarjas pretas grossas. Outro projeto gráfico específico foi o destinado aos Artigos Científicos. Nestes, além da diferenciação da retranca no canto superior, foi confeccionado um elemento gráfico para diferenciar os artigos das demais partes integrantes da *Cerrado Sustentável*. Outro diferencial importante nesta seção é que se primou não por usar a foto do autor do artigo, mas por usar uma foto que traduza a essência abordada no texto e que aparece sempre colocada logo acima da Janela (também inclusa entre tarjas pretas grossas). Os artigos ainda contam com um espaço para assinatura, confeccionada no rodapé no final do texto. Por último, foram concebidos projetos gráficos diferentes para as Colunas Olhares e Colunas Trilhas. Aqui, a liberdade gráfica é maior do que no restante das páginas, permitindo “brincar” a cada edição com diferentes tipologias e organização das fotos.

Para finalizar, a *Cerrado Sustentável* traz a identificação das páginas por meio de cabeçalho, indicando a retranca, seção e título da matéria. Além de vir no canto superior, o nome da revista e a numeração da página aparecem no canto inferior de todas as páginas. O uso de elementos gráficos como fios e ornamentos foi contido e se limitou a apenas aos locais onde a separação se faz estritamente necessária - como para indicar assinaturas e no alinhamento do cabeçalho das páginas, por exemplo.

#### **4.5. Custos de Produção**

Os custos de produção da revista *Cerrado Sustentável* são relativamente baixos, onde tem-se a maior despesa relacionada aos custos com a impressão. Assim, faz-se necessário listar, como custos básicos, a contratação de mais 1 (um) jornalista *freelancer*, um designer/diagramador e

impressão. Os preços foram estipuladas com base na tabela fixada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Goiás, para o caso do piso salarial do Jornalista; e em orçamentos com diversos profissionais designer e gráficas na grande Goiânia, para custos com diagramação e impressão:

Tabela 1 – Custo Básico de Produção da Revista Cerrado Sustentável

<b>Descrição</b>	<b>Custo Básico (Mensal)</b>
1 Jornalista Freelancer	R\$ 1.200,00 (piso salarial) ou R\$ 96,00 (por lauda comercial)
1 Diagramador	Revista (policromia): R\$ 50,00 por página
Impressão:	R\$ 3.000, 00 (Revista de 50 páginas em policromia).
Total (Média):	R\$6.700,00

Desta maneira, o custo básico trimestral seria de aproximadamente R\$ 20.100, 00. Já o custo por exemplar, em uma tiragem de 4 mil exemplares, seria de R\$ 5,25. Ao passo que a *Cerrado Sustentável* será comercializada pelo preço de R\$8,00, respeitando a margem de lucro da publicação.

#### **4.6. Estratégias de Comercialização e Promoção**

Para o financiamento dos referentes à revista *Cerrado Sustentável*, foram traçadas metas de comercialização da revista, a saber:

- A primeira são os anunciantes tradicionais – tanto empresas como verbas municipais, estaduais ou federais - em uma revista como esta. O foco nesta comercialização é o foco ideológico na preservação ambiental – para muitas empresas/órgãos a preocupação ambiental se tornou uma forma de agregar valor ideológico aos seus produtos. Para este contato, foi elaborada uma proposta comercial (ver APÊNDICE

A). Entre anunciantes em potencial temos entidades como Goiás Orgânico, Emprapa Cerrados, Ministério do Meio Ambiente (MMA), Secretaria Estadual do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH), Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA) , Cerrado Alimentos Orgânicos, Restaurante República da Saúde, ISPN, Rede Cerrado, marca Frutos do Cerrado; além de empresas que tenham a responsabilidade sócio-ambiental como vertente em seus trabalhos, como por exemplo empresas do ramo da construção civil, decoração e arquitetura que tenham o viés da sustentabilidade;

- Buscar captação de recursos em financiamentos públicos para projetos culturais como linhas de financiamento a projetos como os da Petrobrás;
- A veiculação dos anúncios pode ser configurada tanto em forma de mídia publicitária convencional, como em formato de matérias institucionais;
- Será criado um blog para a revista *Cerrado Sustentável*, onde parcialmente o conteúdo das matérias será postado. O intuito é motivar o interesse dos leitores a adquirir a revista, assim o cliente nos envia um e-mail com o endereço completo e especificações de quantos exemplares quer adquirir, faz o depósito bancário, envia o comprovante de pagamento e recebe a revista em sua casa. Será cobrado o valor de R\$8,00 por cada exemplar mais frete. Ou então, ele pode optar por fazer assinatura anual da revista *Cerrado Sustentável*, ao preço de R\$40,00 mais frete. No blog, os interessados também podem cadastrar seus e-mails para receber newsletters quinzenais sobre a revista ou conteúdos relacionados ao jornalismo ambiental/Cerrado.
- O blog e a revista *Cerrado Sustentável* serão divulgados em sites e redes eletrônicas destinadas à cobertura ambiental ou do Cerrado ou *linkados* a sites relacionados: como Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais, Forum da Revista Ecológica (Bosco Carvalho), blogs ligados à preservação ambiental; Forum Permanente de Defesa do Cerrado, blogs ligados a militância ambiental, Portal Envolverde; Mercado Ético (Efraim Neto);
- Será criado o suporte em redes sociais (Twitter, Facebook, Orkut, Youtube ) para a divulgação da revista *Cerrado Sustentável*, além de perfis e postagens em plataformas como a *Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais* que funciona como um Fórum para discussão e promoção do Jornalismo Ambiental, reunindo jornalistas de todo o País. As redes serão alimentadas periodicamente como informações ligadas à revista, ao Cerrado, desenvolvimento sustentável e preservação ambiental como um todo. Todas

as redes também divulgarão o link do blog, que redireciona para a revista e aproxima o leitor;

- No tocante a promoção, é programado o lançamento oficial da revista *Cerrado Sustentável* como um evento a ser realizado em locais como o Circo Lahetô ou Centro Cultura Goiânia Ouro, em formato de uma festa temática em celebração “a cultura do Cerrado”. O intuito é convidar grupos que trabalhem com a temática regional, como Passarinhos do Cerrado e Umbando - que tem um nome e uma trajetória bem consolidada na capital. Seriam cobrados ingressos ao preço de R\$10,00 a R\$20,00, com intuito que a bilheteria custeie os gastos com o evento. Na ocasião, junto com o ingresso, as pessoas poderiam levar também um exemplar da revista *Cerrado Sustentável*. O lançamento também contaria com a presença de grupos tradicionais do Cerrado, pequena feira com produtos artesanais e culinária típicas.
- Para finalizar as estratégias de promoção, o lançamento da revista *Cerrado Sustentável* contaria com um amplo trabalho de assessoria de imprensa, com o objetivo de usar os shows culturais como gancho para falar do surgimento da primeira revista dedicada exclusivamente ao tema em Goiás. O trabalho seria desenvolvido gratuitamente pela empresa de assessoria de imprensa, OlhO Comunicação, para qual presto serviços há cerca de três anos.

#### **4.7. Análise da Concorrência**

Depois da Eco 92, viu-se um *boom* de mídias impressas e eletrônicas destinadas à cobertura da pauta ambiental. Reunidos na Eco Mídia (Associação Brasileira de Mídias Ambientais) esse segmento apresenta, entre outros, títulos como o *Jornal do Meio Ambiente*, *Folha do Meio Ambiente*, *Jornal Terramétrica*, *Revista Eco 21*, *Ecologia & Desenvolvimento*, *Revista Meio Ambiente Industrial*, *Mercado Ético*, *Agência Envolverde* e *Site Ecopress*. De acordo com levantamentos do livro *Mundo Sustentável*, de André Trigueiro, as tiragens somadas das publicações impressas atingem 1 milhão de exemplares mensais, e os sites especializados somam cerca de 1 milhão de acessos mensais.

Outra forma de articulação é a *Federação dos Jornalistas Ambientais* ([www.ifej.org](http://www.ifej.org)), associação fundada em 1993 que reúne, com dados de 2003, mais de 7.500 jornalistas de 110 países, a *Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental*, criada pelos Jornalistas Roberto Belmonte Villar e João Batista Santa Fé Aguiar, que desde 1998 promove o intercâmbio entre os jornalistas de todo o País – hoje conta com uma plataforma virtual e fórum abertos ao público,

tem como objetivos principais discutir jornalismo ambiental, integrar os jornalistas que cobrem meio ambiente e trocar informações sobre fontes especializadas. Fatos e exemplos que mostram e comprovam que existe, sim, o interesse tanto dos profissionais como do público pela pauta ambiental.

Em todas estas mídias citadas, o Cerrado é inserido em alguns contextos e matérias, porém, não se verifica o registro de uma publicação impressa destinada exclusivamente a cobertura deste bioma. Regionalmente, entre as publicações dedicadas ao assunto temos a revista *Ecológica* do jornalista Bosco Carvalho em Goiás, na qual o Cerrado ganha visibilidade, mas não é o foco exclusivo de suas pautas. Em Brasília, o site do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) e a Rede Cerrado (Minas Gerais) também se dedicam ao Cerrado, mas apenas de forma virtual. No Estado do Tocantins, existe o site EnCantos do Cerrado, porém fica restrito apenas ao mundo virtual, sem se desdobrar em uma mídia impressa.

A UNB possui a revista *Cerrados*, mas o enfoque é em divulgar o pensamento teórico literário produzido pela Universidade. É publicada semestralmente pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB. Ademais, algumas publicações como a revista *ComCiência* e a revista da UFG, normalmente elaboram uma publicação com a temática especial Cerrado, porém, não existe uma publicação dedicada integralmente e periodicamente a publicar exemplares sobre o Cerrado.

Em 1998, os jornalistas Sidney Dutra e Wagner Rollim, chegaram a publicar a revista Cerrado. Hoje, a publicação que ganhou prêmio Unesco e Prêmio Expocom em Congresso de Comunicação e foi indicada duas vezes para o vestibular da Universidade Federal de Goiás (UFG), é disponibilizada finalmente na forma digital em um blog. Mas, infelizmente, o projeto não teve desdobramentos e limitou-se a apenas este exemplar.

Unindo estes dois fatores, de um lado o interesse pela pauta ambiental – provado pela existência e sobrevivência das mídias citadas acima – e de outro, o fato de inexistir uma publicação impressa dedicada periodicamente e exclusivamente ao Cerrado; avalio como positiva o cenário mercadológico para disponibilização e implantação da revista *Cerrado Sustentável*.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu concluir que mergulhar no universo do Cerrado e do Jornalismo Ambiental é uma experiência enriquecedora, que traz como grande desafio tecer um mosaico complexo de assuntos e fatos que se interligam em uma relação dinâmica. Por isto, a abordagem sistêmica é tão essencial neste processo de criação de um paradigma para o Jornalismo Ambiental. Mas ainda, conclui-se que o Jornalismo Ambiental traz como característica fundamental romper com o velho dogma no jornalismo da imparcialidade: neste campo é preciso sempre tomar partido em prol do desenvolvimento sustentável, como tentou fazer a revista *Cerrado Sustentável*.

A pesquisa sobre o Jornalismo Ambiental e a Teoria Sistêmica, permitiu uma ampla reflexão sobre o fazer jornalístico quando o assunto é meio ambiente. Mais do que uma abordagem, o pensamento sistêmico é uma forma de ver e perceber o mundo não só como jornalista, mas como indivíduo. Neste sentido, é um exercício diário que se aperfeiçoa a cada dia.

A conceituação do Jornalismo em Revista e sua segmentação também foram de suma importância para a confecção da revista *Cerrado Sustentável*. Trouxe noções sobre o formato, a definição do público alvo, o projeto gráfico e editorial, mais ainda, foi importante por mostrar e tentar sinalizar como e porquê as revistas abrem e fecham. Como já dito anteriormente, sentiu-se falta de um levantamento das publicações ambientais brasileiras que já existiram e investigar as causas de suas mortandades, conhecer e entender as intenções das editoras que as publicam, de procurar dados mais concretos sobre o perfil do público e resgatar o histórico dessas revistas. Trabalho este que não foi feito neste projeto, pois o tempo para a produção do mesmo é reduzido e o foco, neste primeiro momento, foi a editoração da revista *Cerrado Sustentável* e a pesquisa dos princípios do Jornalismo Ambiental. Mas, no futuro, o tema pode servir de inspiração para a confecção de um novo projeto/pesquisa acadêmica.

Por fim, todo o processo de criação da *Cerrado Sustentável* esbarra somente em mais um ponto. O que ficou no final foi um quê de insatisfação. Digo isso, no sentido de que as páginas do primeiro número da revista não foram suficientes para mostrar toda a complexidade e a riqueza do Cerrado. Mas, longe de ser um problema, esta constatação não poderia ser mais positiva. Afinal, só mostra o quão misterioso e plural é o Cerrado e o quanto é preciso divulgá-lo e criar veículos de comunicação que mostrem suas tantas histórias e peculiaridades. Com certeza, não faltaram pautas para as próximas edições.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS <sup>1</sup>:

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado (PP Cerrado)**. Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.ufg.br/this2/uploads/files/159/ppcerrado\\_consultapublica\\_182.pdf](http://www.ufg.br/this2/uploads/files/159/ppcerrado_consultapublica_182.pdf)>. Acesso em: 15 de maio de 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Conservação e Uso Sustentável do Cerrado**. Brasília – DF, 2003. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acessado em: 16 de maio de 2010.

BOLETIM – **Por um Brasil livre de Transgênicos**. São Paulo, 1999-2010. Disponível em: <[www.aspta.org.br](http://www.aspta.org.br)>. Acessado em: 10 de agosto de 2010.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

CAMPOS, Pedro Celso. **Uma abordagem sistêmica para as teorias do Jornalismo**. Artigo integrante da Tese de Doutorado em Comunicação – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Idesa, 2003

CHRISTOFIDIS, Demetrios. **Água na produção de alimentos: o papel da academia e da indústria no alcance do desenvolvimento sustentável**. In: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro; VIANNA, João Nido de Souza (orgs.). *Economia, Meio Ambiente e Comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2006.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; KUNSCH, Margarida M. Krohling (orgs.). **Comunicação e Meio Ambiente**. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo e Intercom, 1996.

DIAS, João Luiz Pereira da Costa. **Percepção dos editores de revistas segmentadas sobre a relação entre a busca por informações ambientais e o seu crescimento**. Artigo publicado Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), São Paulo, 2009.

FERREIRA, Eduardo Manuel. **Bioma Cerrado: passado, presente e... futuro (?)**. Revista da Universidade Federal de Goiás (UFG), Ano XI, nº 7, Goiânia – GO, Dezembro de 2009.

---

<sup>1</sup> As referências bibliográficas listadas aqui foram mencionadas tanto neste presente trabalho, como nas matérias que compõem a revista *Cerrado Sustentável*.



GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Toni Reges (orgs). **Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

GOULART, Alexander. **Uma lupa sobre o jornalismo de revista**. Observatório da Imprensa, São Paulo, ano 14, n. 388, 07 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 10 de Novembro de 2010.

IDEC. **Consumo Sustentável – Manual de Educação**. Brasília, 2002.

LOOSE, Eloisa Beling. **A segmentação das revistas e a temática ambiental**. Revista de estudos da comunicação. Curitiba, v. 10, n. 22, maio/ago. 2009.

KARAM, Karen F. **Agricultura orgânica: estratégia para uma nova ruralidade**. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

MARCONDES, Dal. **Jornalismo Ambiental: da marginalidade às capas de jornais**. Entrevista realizada pela IHU On-Line e publicada no Portal Observatório da Imprensa, São Paulo (SP), 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/>>. Acessado em: 18 de maio de 2010.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XIX**. São Paulo: Olho d'Água/ FAPESP, 2001.

MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade**. Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 1994. Disponível em: <<http://caosmose.net/candido/unisinos/textos/textos/carta.pdf>>. Acessado em: 10 de novembro de 2010.

NETO, Efraim. **Os jovens e o jornalismo ambiental: participação e responsabilidade**. Portal do Mercado Ético, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://mercadoetico.terra.com.br>>. Acessado em: 18 de Maio de 2010.

\_\_\_\_\_ **Cerrado: Um Bioma Esquecido no Tempo**. Portal do Mercado Ético, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://mercadoetico.terra.com.br/>>. Acessado em: 18 de Maio de 2010.

OKIDA, Márcia. **O design gráfico como elemento de linguagem editorial: Pode ser do design gráfico a culpa pelo fracasso ou sucesso de uma publicação?.** Artigo publicado na 1ª edição da Revista Ceciliania – publicação científica acadêmica da Unisanta – em julho de 2001; reeditado em janeiro de 2002 para o Portal DesignGráfico. Disponível em: <<http://www.designgrafico.art.br/>>>. Acessado em: 20 de agosto de 2010

ONU. Assembléia Geral das Nações Unidas. **Avaliação Ecológica do Milênio - Nós, os Povos: O Papel das Nações Unidas no Século XXI**, Nova Iorque, Estados Unidos, 2000.

- PINTO, M.N. (Org.) **Cerrado. Caracterização, ocupação e perspectivas**, Editora UnB, Brasília, 1990.
- PRIMAVESI, Ana. **O Manejo Agroecológico do Solo**. 18ª ed. São Paulo: Nobel. 2006
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SAWYER, Donald; LOBO, Andréa de Souza. **O papel da sociedade no estabelecimento de políticas públicas para as savanas**. In: FALEIRO, Fábio Gelape; FARIAS NETO, Austeclínio Lopes de (Eds.). *Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais*. Planaltina: EMBRAPA Cerrados, 2008.
- TARGINO, Maria das Graças. **Informação ambiental: uma prioridade nacional?** Revista Informação e Sociedade, João Pessoa, 1994.
- TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente no Século 21: Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. Rio de Janeiro: Sexante, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Meio Ambiente no Século 21: Especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sexante, 2005.
- VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: O texto em revista**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1996.
- WILSON, Edward. **O futuro da Vida**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- ZAMBERLAN, Liége. **Comunicação e meio ambiente na mídia impressa: poder, cultura e ideosfera – um diálogo complexo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

## 7. APÊNDICES

### APÊNCIE A - Modelo de Proposta Comercial da revista *Cerrado Sustentável*



#### **Apresentação**

Publicação trimensal, a revista *Cerrado Sustentável* tem por objetivo divulgar e noticiar os fatos e acontecimentos atuais sobre o bioma Cerrado, instigando a valorização e preservação de suas riquezas mais do que plurais.

Os temas abordados têm ênfase nos assuntos políticos, econômicos, culturais, comportamento, temas sociais diversos, agricultura, meio ambiente, turismo, culinária, saúde, educação, preservação, tecnologias, entre outros. Todos abordados de forma sistêmica, crítica e profunda. Informação com qualidade, para quem procura conteúdos especializados e articulados. Uma revista para quem compreende que investir em responsabilidade sócio-ambiental faz toda a diferença é a grande marca deste milênio.

**Tiragem:** 4 mil exemplares

**Periodicidade:** trimensal

**Circulação:** abrange toda a região da grande Goiânia e, em breve, circulará por todo Estado de Goiás.

**Público-alvo:** nível sócio-econômico A e B. Nosso público é formado por consumidores interessados em informações abrangentes sobre Meio Ambiente e ciência.

**Distribuição:** dirigida a políticos, empresários, autarquias, órgãos públicos, associações turísticas e áreas afins. Distribuição ainda a um mailing exclusivo de formadores de opinião (jornalistas, artistas, cientistas, líderes políticos ou sindicais, estudantes e

professores), nos mais importantes órgãos públicos municipais e estaduais, para o terceiro setor, profissionais de educação, saúde, turismo, transporte, energia, biologia, saneamento, arquitetura, agronomia e hotelaria. Publicação endereçada ainda aos principais centros de troca e produção de conhecimento (Universidades e Instituições de Ensino públicas e privadas). A revista também é utilizada por alunos e educadores, que a partir do Ensino Médio a usam como fonte de pesquisa para trabalhos escolares - assim a edição transforma-se em artigo para colecionar e funciona como guia para estudos sobre o Cerrado.

TABELA 2 – Tabela de Preços para veiculação

<b>FORMATO</b>	<b>VEICULAÇÃO</b>
2ª capa + pág. 3 (42 x 27 cm)	2.000,00
3ª capa + última pág. (42 x 27 cm)	2.000,00
Página dupla (42 x 27 cm)	2.000,00
4ª capa (21 x 27 cm)	3.000,00
3ª capa (21 x 27 cm)	1.000,00
2ª capa (21 x 27 cm)	1.000,00
1 página (21 x 27 cm)	900,00
½ página (19,5 x 13,5 cm)	450,00
Rodapé duplo (6,5 x 19,5 cm)	450,00
Rodapé (6,5 x 19,5 cm)	300,00

---

**Revista Cerrado Sustentável**

*Caminhos para um bioma ameaçado*

Departamento Comercial: Rhadá Costa - (62) 9217-6553

[comercial.cerradosustentavel@gmail.com](mailto:comercial.cerradosustentavel@gmail.com)

## 8. ANEXOS

### ANEXO A – Sobre o Cerrado

#### O CERRADO

.A revista Cerrado Sustentável é concebida dentro do universo do bioma Cerrado. Para tanto é fundamental delimitar o que é Cerrado, quais as condições básicas de sua ocupação, a situação alarmante mostrada pelos números do desmatamento, e as possibilidades de conservação e uso sustentável deste Bioma.

O bioma Cerrado é a maior região de savana tropical da América do Sul, incluindo grande parte do Brasil Central e parte do nordeste do Paraguai e leste da Bolívia. Ocupa cerca de 24% do território brasileiro, ou seja 2.036.448 km<sup>2</sup>. Sua área nuclear (área *core*) abrange o Distrito Federal e dez estados: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Maranhão, Bahia, Piauí, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, somando aproximadamente 1.500 municípios. Ocorre ainda em encaves isolados em praticamente quase todos os estados. Os mais expressivos encaves, contudo, são: Campos de Humaitá e Campos do Puciarí (Amazonas), Serra dos Pacaás Novos (Rondônia), Serra do Cachimbo (Pará) e Chapada Diamantina (Bahia)..

O Cerrado corresponde a 5% da biodiversidade do Planeta, apresentando elevada riqueza de espécies, com plantas herbáceas, arbustivas, arbóreas e cipós, totalizando 11.627 espécies vasculares nativas, sendo aproximadamente 44% da flora endêmica. No Cerrado, estão catalogadas cerca de 320.000 espécies de animais na região, sendo apenas 0,6% formada por vertebrados. Por estar localizado no Brasil Central, residem ou transitam nele espécies de outros biomas, enriquecendo sua diversidade biológica.

Isso se deve principalmente à diversidade de ambientes, apresentando diferentes tipos de solos, topografia, clima e fitofisionomias, representadas por formações florestais, savânicas e campestres. São descritos onze tipo principais de vegetação para o bioma Cerrado, enquadrados em formações florestais (Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca e Cerradão), savânicas (Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda) e campestres (Campo sujo, Campo limpo e Campo rupestre). Considerando também os subtipos neste sistema são reconhecidos 25 tipos de vegetação.

É também berço das águas. Em relação ao resto do País, a região central possui altitude elevada, conhecida como Planalto Central Brasileiro, divisora de bacias hidrográficas,

com a presença de nascentes e corpos d'água. Das 12 regiões hidrográficas brasileiras, seis têm nascentes no Cerrado.

Assim, o Bioma caracteriza-se como uma grande caixa d'água no continente sul-americano e é fundamental para a manutenção do equilíbrio hidrológico no país. O Cerrado capta as águas pluviais que abastecem nascentes que formam rios das bacias do Amazonas, Tocantins, Parnaíba, São Francisco, Paraná e Paraguai. Também concentro imensos aquíferos, entre eles o Aquífero Guarani. Destruir nascentes, rios, veredas implica tornar inviável a sobrevivência das espécies biológicas e das populações humanas que dependem dessas águas, inclusive para atividades produtivas, dentro e fora da região sob Cerrado.

Do ponto de vista cultural, o Cerrado abriga uma diversidade cultural social, conhecida também como sociodiversidade, cuja história remonta há, no mínimo, 12 mil anos com os povos caçadores e coletores que se utilizavam dos diferentes ambientes e espécies úteis que o Cerrado oferecia. A diversidade ecológica propiciou uma variedade de formas de vida e estratégias de uso e convivência com a ambiente natural. As chamadas populações tradicionais do Cerrado incluem diversos povos, de origem indígena, negra, miscigenada, formando culturas em que os elementos da natureza estão imbricados com o jeito de cada grupo. Provêm do grupo macro-jê várias populações indígenas que habitam o Cerrado (Caiapó, Carajá, Krahô, Gavião etc). Do sertão, populações geraizeiras, vazanteiras, ribeirinhos, dentre outros.

São inúmeras as populações humanas que dele sobrevivem e conhecem parte da superlativa variedade do Cerrado. Apesar de algumas populações estarem oficialmente reconhecidas, como os quilombolas, ainda estão ameaçadas ora pela expropriação de seus territórios ora pela degradação ambiental, dificultando a sua reprodução física e social baseada no uso dos recursos naturais.

Essas populações não sequer encontram segurança fundiária. Apesar de inúmeras tentativas, a região não conta com nenhuma reserva extrativista ou outra unidade de conservação de uso sustentável relevante. Agroextrativistas, como, por exemplo, os que vivem no sul do Maranhão, os geraizeiros do norte de Minas, os trabalhadores rurais do Oeste baiano, mesmo os Kalungas da Chapada dos Veadeiros, recebem pouca e efetiva proteção social. Meios de vida são diminuídos com a chegada de grandes projetos intensivos em capital, pouco geradores de emprego e dependentes de grandes áreas agricultáveis. Os assentamentos de reforma agrária existentes não são adaptados ao ambiente local, ampliando a degradação, o endividamento das famílias e o abandono.

O mesmo se aplica as comunidades indígenas da região, fortemente impactadas pelo processo de modernização que ocorreu no Brasil Central, desde o período colonial, com as entradas e bandeiras. As terras indígenas, que ainda guardam áreas de Cerrado preservado, sofrem constantemente pressões, como a mineração, o garimpo, a expansão da agricultura no seu entorno e a degradação dos rios:

Cultura e ambiente formam um *continuum*, dado o grau de integração atribuído pelas populações, daí que a conservação dos ambientes naturais é fundamental para a sobrevivência das mesmas (BRASIL, PP Cerrado, 2009)

## **DEVASTAÇÃO AMBIENTAL**

Devido à sua história de ocupação e exploração encontra-se hoje em um estado alarmante de devastação ambiental. De acordo com relatório emitido pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) em novembro de 2009, o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado (PPCerrado), a degradação do bioma Cerrado, ocupado por dez Estados mais o Distrito Federal, já é responsável pelo mesmo nível de emissões de gás carbônico da Amazônia. Mais ainda: 12 mil espécies teriam simplesmente desaparecido do Cerrado, enquanto a desertificação e o avanço de culturas agressivas como a da cana de açúcar, só aumentaram. Essas mudanças já são sentidas de forma direta há anos pelas populações que habitam as 11 unidades da federação que são abrangidas pelo Bioma Cerrado:

Em 2009, o Programa de Monitoramento do Desmatamento nos Biomas Brasileiros por Satélite (MMA/IBAMA/PNUD) quantificou as áreas de desmatamento da vegetação nativa no bioma Cerrado. Segundo os dados desse mapeamento, entre 2002 e 2008 o Cerrado teve sua cobertura vegetal suprimida em 127.564 km<sup>2</sup>, o que representa uma taxa anual de aproximadamente 21.300 km<sup>2</sup>/ano para esse período. O percentual de áreas desmatadas em 2002 era de 41,95% e, em 2008, subiu para 48,2%. O Cerrado é um dos biomas brasileiros mais ameaçados em termos de perda de cobertura vegetal remanescente. Nele, o desmatamento, as queimadas e os incêndios florestais ocasionam a alteração da paisagem, a fragmentação dos habitats, a extinção de espécies, a invasão de espécies exóticas, a erosão dos solos, a poluição dos aquíferos, o assoreamento dos rios e o desequilíbrio no ciclo de carbono, dentre outros prejuízos” (BRASIL, PP Cerrado, pág. 10, 16 e 20, 2009).

O principal problema socioambiental do Cerrado está diretamente ligado à sua ocupação econômica e territorial, que já avança por décadas. Deve-se, sobretudo, ao caráter predatório do modelo agropecuário predominante, que ameaça sua própria existência. Modelo caracterizado pela incorporação de extensas áreas para a agricultura comercial, baseada em plantações homogêneas como a soja, que empregam uso intensivo de agrotóxicos, à pecuária extensiva e más práticas no uso do fogo e da captação da água. Este modelo também traz um outro problema grave no processo de depreciação do Cerrado: a expansão desenfreada e acelerada da infra-estrutura (rodovias, hidrovias, ferrovias, hidroelétricas, barragens, etc.).

Estes problemas sócio-ambientais reverberam no meio físico, na biodiversidade, na ordem social e economia e na organização político-institucional.

A conservação dos recursos naturais dos cerrados também é outro ponto falho que se destaca na gestão deste Bioma. Hoje, a conservação do Cerrado é representada por diversas categorias de unidades de conservação, de acordo com objetivos específicos: oito parques nacionais, diversos parques estaduais e estações ecológicas, compreendendo cerca de 6,5% da área total de cerrado (PINTO, 1990). O Bioma Cerrado possui apenas 7,44% de sua área protegida por unidades de conservação. (BRASIL, PPCerrado, pág. 10, 2009).

Poucas são as unidades de conservação, com áreas bem significativas, onde o Cerrado é o bioma dominante. Entre elas estão o Parque Nacional das Emas (131.832 ha), o Parque Nacional Grande Sertão Veredas (84.000 ha), o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (33.000 ha), o Parque Nacional da Serra da Canastra (71.525 ha), o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (60.000 ha), o Parque Nacional de Brasília (28.000 ha).

Atualmente, o cenário em que se encontra o bioma Cerrado é de uma calamidade ambiental que vem se instalando da década de 1970 até os dias atuais. Entre 2002 e 2008, ele foi o dobro do ocorrido da Floresta Amazônica representando a supressão vegetal de 127,5 mil quilômetros quadrados (km<sup>2</sup>) em seis anos, ou 21 mil km<sup>2</sup> por ano, contra 10 mil km<sup>2</sup> na floresta.

De acordo informações referendadas e dados oficiais divulgados pelo mesmo relatório emitido pelo do Ministério do Meio Ambiente (MMA) em novembro de 2009, o PPCerrado, a degradação do bioma ocupado por dez Estados mais o Distrito Federal já é responsável pelo mesmo nível de emissões de gás carbônico da Amazônia. Mais ainda: 12 mil espécies teriam simplesmente desaparecido do Cerrado, enquanto a desertificação e o avanço de culturas agressivas como a da cana de açúcar, só aumentaram. Essas mudanças há anos já são sentidas de forma direta há anos pelas populações que habitam as 11 unidades da federação que são abrangidas pelo Bioma Cerrado.



## **SUSTENTABILIDADE**

Por outro lado, o Cerrado é repleto de superlativos. Ricas em biodiversidade, as espécies do Cerrado são diferenciadas das de outros tipos de vegetação que cobrem o país. Por se tratar de uma região com períodos de seca que chegam a sete meses, a fauna e a flora são limitadas, embora extremamente heterogêneas quando se observa a longa área ocupada.

Segundo José Felipe Ribeiro, pesquisador da Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária na área de recursos naturais, as plantas características do Cerrado, como o pequi e a cagaita, têm alto potencial comercial, assim como animais como a ema e a capivara. Ainda segundo Ribeiro o desafio é conscientizar as pessoas de que os produtos nativos podem ser comercializados, com margem de lucro até maior em relação aos utilizados habitualmente. Apesar de apresentar riqueza de fauna e flora, o Cerrado tem baixos índices de renda per capita no país. A explicação para a dicotomia reside no fato da população e dos empresários agrícolas da região desconhecerem o potencial comercial de sua vegetação, frutos e animais.